

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO • EDITOR: MANUEL RODRIGUES ÁLVARES • DELEGAÇÕES: LISBOA - TELEF. 31839 - FARO - TRAV. DO PÉ DA CRUZ, 5 • AVENIDA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 54 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 • OFICINAS: EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, LIMITADA - V. R. S. ANTÓNIO

SAGRES - ONDE A TERRA ACABA E O MAR COMEÇA...



ASSUMIRAM o mais fulgurante brilho e revestiram-se de uma pompa e de um entusiasmo raros as celebrações do V centenário da morte do Infante D. Henrique. Não vamos reeditar o que é do conhecimento público pois a Imprensa diária, pela pena dos seus repórteres e cronistas, pormenorizou tudo o que se fez para recordar e exaltar a memória do pioneiro dos Descobrimientos e da Civilização. Cumpre-nos, como órgão provincial, assinalar nas nossas páginas um pormenor das celebrações no que elas interessam particularmente ao Algarve. Por isso aqui reproduzimos a imagem do acto inaugural do padrão infantil no Promontório de Sagres, cerimónia a que emprestamos o brilho da sua presença os Presidentes das Repúblicas de Portugal e do Brasil e muitas outras altas individualidades nacionais e estrangeiras.

Foi em Sagres, efectivamente, que as comemorações tiveram a mais alta e sentida expressão. Porque ali, naquela saliência pétrea, adusta e ventosa, é que começou a epopeia marítima dos portugue-

ses e o ocaso das superstições e dos medos da Idade Média. Rasgando o mundo físico, a proa das caravelas rasgou ao mesmo tempo horizontes novos à sabedoria. E foi ali em Sagres que nasceu a Idade Moderna cujo último capítulo se fechou com o arrebatamento da Revolução Francesa. Ao Algarve e ao seu povo marinheiro cabe um pedaço grande dessa glória de Portugal e do mundo civilizado. Confessamos que nos envaidecemos com o contributo que para tal deram os nossos antepassados — os algarvios, e não foi sem comoção que vimos desfilar na esquina mais adusta e mais gloriosa do nosso pequeno território os navios de tantas nações, em preito de homenagem à terra onde se caldeou, ao sopro bravo dos ventos, ao rugido das vagas enfurecidas e nos silêncios desoladores das calmarias, o sonho arrebatador e glorioso que conferiu a Sagres a universalidade e o respeito comovedor e grato do mundo inteiro.

Uma circunstância a assinalar — a presença estimada e honrosa do Presidente

Conclui na 5.ª página

(14) - A PESCA DO ATUM

Não se pescam a sardinha e o carapau como outrora, devido à sua captura intensiva e, também, por motivo da muito maior actividade piscatória verificada na costa algarvia, na época presente

As conservas de peixe e a cortiça no mercado suíço

Na Suíça as conservas de peixe tiveram em 1959 um grande aumento, mercê das contínuas campanhas de propaganda que têm vindo a fazer-se regularmente naquele país. Verificando-se um aumento de cerca de 20% em relação a 1958, pode considerar-se como muito bom este resultado.

No que respeita a cortiça em bruto, continua a ter bastante aceitação no mercado suíço. O aumento verificado neste sector, tem sido, no entanto, bastante prejudicado com a diminuição das exportações de rolhas. A indústria de construção não emprega, prática-

Conclui na 4.ª página

Antes de mais nada uma pergunta: se um touro corresse atrás desta senhora que voltas daria ela à saia para fugir ao cornápeto? E depois da pergunta, esclarecemos que o vestido tem a pretensão de ser uma túnica e o modelo pertence à costureira romana Nella Gouna.

Conclui na 5.ª página

A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA TÉCNICA DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

INCERTEZA NOS MERCADOS DA AMÊNDOA

EM Londres prevê-se que a produção de amêndoa na Espanha deve atingir este ano entre 30 e 37 mil ton. enquanto que o excedente do ano passado deve andar à volta de 7/8 mil ton. Apesar disso o mercado da amêndoa espanhola continua sem alteração: as Valências não seleccionadas são oferecidas por 400 sh. por cwt. no cais e as Farmer Majorcas são cotadas a 395 sh. por cwt., ex-wharf Londres. Os «stocks» da amêndoa espanhola continuam a ser muito limitados na Inglaterra. As Planettas e as Largettas seleccionadas cotam-se actualmente a 420-430 sh. por cwt.,

Conclui na 5.ª página

Visado pela delegação de Censura

NO dia 31, às 15 e 30, na sede da Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário, realiza-se o concurso para a arrematação da empreitada de construção civil da escola técnica de Vila Real de Santo António.

A população dos concelhos extremos do Solavento continua esperançada que o sr. ministro da Educação pratique mais um acto de justiça e de boa política pedagógica — a criação do curso geral de comércio, sem o que a escola não proporcionará a valorização indispensável e desejada pelos algarvios daquela zona, a única das três zonas da nossa Província que ficará sem tal benefício. Continuamos pois e como sempre a confiar na manifesta boa vontade do sr. prof. eng. Leite Pinto.



Aqui está uma senhora de mala aviada que se dispõe a dar o seu passeio vespertino, com uma pontinha de crueldade — provocar inveja nas amigas por exibir um fato tão bonito. Madeleine Casalino é a autora deste conjunto, que deve ser executado em lá cor de pérola, aviado nas algibeiras com duas tiras de tecido igual mas castanho-escuro. E agora, minha senhora, vamos tomar chá ali ao Vasco da Gama, à beira do Atlântico e gozar o espectáculo enternecedor e ténico do sol no ocaso.

AVIZINHA-SE DE S. BRÁS DE ALPORTEL UMA LUFADA DE PROGRESSO

segundo depreendemos das palavras do sr. Júlio Vargues Parreira, presidente do Município são-brasense

por DARIO N. N. PEREIRA



Júlio J. Vargues Parreira

TEMOS escrito nestas colunas que devido a factores de todos conhecidos, S. Brás de Alportel tem estagnado, não podendo acompanhar a senda de progresso que outras terras da sua vizinhança têm trilhado, por fortunadamente estarem servidas de gente dedicada e trabalhadora que acima de tudo as acarinha e se orgulha de as servir. Também já aqui dissemos que a maior parte do que se tem feito nesta localidade, nos últimos 30 anos, se deve quase exclusivamente à iniciativa particular e mesmo esta defrontando todas as dificuldades que lhe eram levantadas, algumas vezes pelos que passavam pela administração municipal e que, mais que quaisquer outros, deveriam abrir os braços a todos aqueles que pretendessem



Largo de S. Sebastião, em S. Brás de Alportel

incentivar a construção e beneficiação de imóveis e outras obras. Possivelmente pela primeira vez, na história deste concelho, a administração municipal está confiada a naturais desta terra que tudo têm feito por dar andamento a importantes problemas que de há muito estavam por resolver. Assim, e no intuito de esclarecer a opinião pública são-brasense acerca do estado actual desses mesmos problemas, solicitámos a presente entrevista ao sr. Júlio José Vargues Parreira, presidente do Município de S. Brás de Alportel, que gentilmente acedeu à nossa pretensão, concordando com o facto de que a população desta terra deve ser devidamente esclarecida porque, por não ver materializar-se aquilo que por enquanto apenas depende dos departamentos oficiais, poderá julgar que nada se está fazendo. Instalados no seu gabinete dos paços

Conclui na 4.ª página

TEATRO

«O crime de Aldeia Velha» em Faro

FESTA DE BENEFICÊNCIA no Casino Oceano de Monte Gordo

EM 27 deste mês realiza-se no Casino Oceano, da ridente praia de Monte Gordo, a «Noite espanhola», festa que será sem dúvida magnífica, a julgar pelo êxito das anteriormente efectuadas e cujo produto reverte integralmente para fins de assistência.

As senhoras envergarão trajes típicos, «mantons», etc., sendo concedidos prémios àqueles que mais a rigor se apresentarem, dentro do carácter da festa.

Continua na 5.ª página

A saúde é a maior riqueza

CENAS MALÉFICAS

O comportamento dos pais reflecte-se profundamente no moral dos filhos. Assim, na formação da personalidade destes, têm efeito maléfico acessos de raiva, preocupações exageradas, discussões e cenas de nervosismo a que as crianças assistem em casa.

Procure formar em seu filho uma personalidade normal, evitando cenas desagradáveis no lar. Tanto quanto possível, esconda-lhes até os seus aborrecimentos, contrariedades e apreensões.

CRÓNICA DE FARO

por JOÃO LEAL



POUSADAS DA JUVENTUDE

VARIOS são os companheiros e amigos que ao regressarem de uma passeata ao estrangeiro nos falam com entusiasmo das pousadas da juventude, tão disseminadas lá fora, sobretudo na França e na Alemanha Ocidental.

«Les auberges de la jeunesse», não são mais do que instituições onde os jovens turistas, devidamente documentados e inscritos, podem pernoitar económica e salutarmente e até mesmo confecionar as suas refeições.

Quase sempre estes estabelecimentos, constituem verdadeiro oásis para o jovem que por questões de ordem económica ou outras, se encontra perante sérias dificuldades em terra estranha. O beneficiário pode, ao que cremos, a marcar certa distância a sua passagem por determinada pousada, o que indubitavelmente constitui uma grande vantagem, não se arriscando a ter que passar uma noite na «pensão estrela», que o mesmo é dizer num banco de jardim, com as inevitáveis consequências de ordem física e policial.

Em Portugal várias são as localidades que dispõem de pousadas, insuficientes contudo, quer na quantidade, quer na distribuição. E muitos são os jovens que ao visitar-nos apontam esta lacuna, lamentando, tal como nós, que ela se verifique. Algo se tem feito nos últimos anos para solucionar este problema, no qual a Mocidade Portuguesa, entidade responsável pelo assunto entre nós, tem posto a melhor boa vontade.

No Algarve, neste nosso privilegiado Algarve, onde o «ouro em bruto» do turismo começa agora a ser explorado, existe uma única pousada, na airosa e sedutora cidade de Lagos, em cuja Casa da Mocidade, está instalada. E aqui surge a primeira pergunta da nossa crónica de hoje: — e Faro? e a sua pousada da juventude?

Dispõe a organização em referência de óptimas instalações na capital algarvia, em plena Rua de Santo António, e com reduzida frequência durante a época estival, por ausência da grande maioria dos seus frequentadores — os estudantes. Sabemos que a sua direcção tem posto no assunto o maior interesse e boa vontade, sem que as di-

ligências até agora efectuadas sejam coroadas de êxito. Bela seria a obra e bem a merecia a cidade, porque muitas são as dezenas de jovens estrangeiros, que anualmente nos visitam. Na pousada poderia funcionar um serviço de informação e assistência turística, a cargo dos nossos rapazes, com a apreciável vantagem de proporcionar ao visitante um apoio completo, escolhido e sério. A Casa da Mocidade de Faro, que esporadicamente serviu para o fim focado no ano transacto, albergando durante algumas noites os participantes do Campo Internacional de Sagres e os componentes da Tuna da Universidade de Granada, bem poderia, permanentemente durante os meses de Junho a Outubro, ter as suas portas abertas, tornando-se em mais uma pousada, bastante necessária e útil entre nós.

ECONOMIA

Alfarroba Os compradores londrinos têm-se mostrado desinteressados. As últimas cotações são as seguintes: Cipriota, «float», 23.2.6, Liverpool; Agosto, 23.5.0, Londres/Liverpool; Set./Out., 22.17.6, Londres/Liverpool. Espanha, Agosto, 19.5.0; Outubro (nova), 19.17.6. Portuguesa f. a. q., Set./Out., 20.10.0. Cretense, Set./Out. e Out./Nov., 19.17.6 (F.386). A goma de alfarroba, em pó, cota-se a 3 xelins por libra-peso.

Sardinhas em conserva No mercado de Londres há ainda pouca sardinha em lata das marcas conhecidas; os preços variam entre 70 sh. e 72 sh. por caixa, C. e F. conforme a quantidade e a qualidade. Em Milão o preço do grossista ao retalhista, em azeite, latas de 200 grs., é de lit. 420-460, o quilo.

Madrinhas espirituais

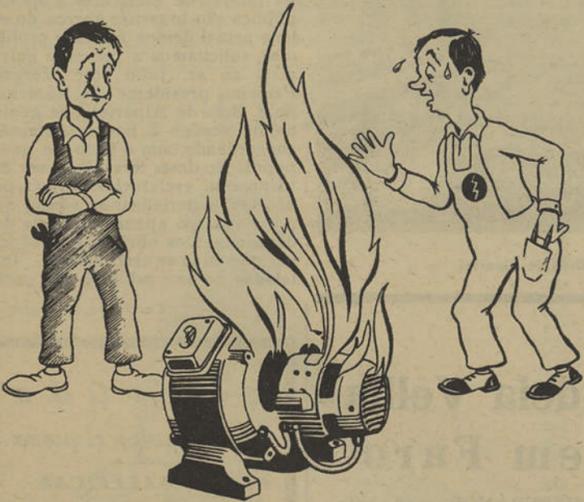
Desejam obter madrinhas espirituais por intermédio do *Jornal do Algarve*, os algarvios srs. António Maria da Conceição Santos, João Henrique Crespo e Manuel Martinho Rebocho, todos em serviço no posto do Rádio-Farol, Dio, Índia Portuguesa.

TINTAS «EXCELSIOR»

MOVIMENTO PORTUÁRIO

Vila Real de Santo António de 4 a 10 de Agosto
ENTRADOS: Portugueses «São Macário», de 1.039 ton., «Maria Christina», de 549 ton. e «Mira Terra», de 562 ton., de Lisboa, vazios.
SAÍDOS: «Alger», com sal, para Ponta Delgada; «Mira Terra», «São Macário» e «Maria Christina», com minério, para Lisboa.

EVITE ISTO



Proteja os seus motores com um contactor-disjuntor

TÉLEMÉCANIQUE

Aparelhagem de alta eficiência para comando e protecção de circuitos eléctricos.
Arrancadores automáticos para motores de rotor bobinado e de rotor em curto-circuito.

REPRESENTANTE:

ENAE

Avenida 24 de Julho, 158 — LISBOA — Telef. 66.21.67

NOTÍCIAS PESSOAIS

Pintor Joaquim Rebocho

Esteve em Vila Real de Santo António o nosso amigo, pintor e arquitecto Joaquim Rebocho, conservador dos Edifícios e Monumentos Nacionais de Lisboa e um dos mais talentosos artistas plásticos do nosso tempo.

Fins de curso

Concluiu, com alta classificação, o curso de Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa a sr.ª Maria Eurídice Ramos Ascenso, filha da sr.ª D. Eurídice Teresa da Costa Ramos Ascenso e do sr. dr. José Ascenso, reitor do Liceu de Faro.

Terminou o curso do Magistério Primário a sr.ª D. Ermelinda Guerreiro Rita Fernandes, filha da sr.ª D. Julieta dos Santos Guerreiro Fernandes e do sr. Júlio Jorge Gonçalves Fernandes, nosso assinante em Vila Real de Santo António.

Partidas e Chegadas

Encontram-se em Albufeira a menina Orlando Peres Barreto, filha do nosso amigo e assinante sr. Orlando Barreto, e o nosso amigo sr. Dario Antunes Mauricio, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Rita Baptista Camarada Mauricio.

Em viagem de turismo, seguiu para Paris e Londres, com sua esposa, o nosso amigo e assinante em Lisboa sr. Teófilo Pinheiro Guerreiro.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se a passar uma temporada na sua propriedade em El Almendro (Espanha) o nosso assinante sr. João Cumbreira Ramires.

Com seu esposo, sr. dr. José Nicolau Maria Alcântara de Santa Teresa Gomes de Oliveira, está em Vila Real de Santo António a sr.ª D. Maria Rosa Lopes Rodrigues de Oliveira, nossa assinante em Lisboa.

Acompanhada de seu esposo, sr. José Rodrigues de Matos, e de sua filha Maria da Conceição, encontra-se em Vila Real de Santo António, a férias, em casa de seus pais, a sr.ª dr.ª Maria Luísa Augusto de Matos, professora do Liceu de Évora.

Com sua esposa e filhos, está passando as férias na sua vivenda «casal de S. Carlos», em Santo Estêvão de Tavira, o nosso assinante sr. dr. Carlos Picoito.

Acompanhado de sua esposa, percorreu o Sul de Espanha, em viagem de recreio, o sr. Rafael Gomes Neto, nosso assinante em Faro.

Encontra-se em viagem de recreio pelo Norte do País o nosso estimado colaborador sr. Horácio Neves Bacelada.

A passar a estação calmosa, encontra-se em Armação de Pera, com seu marido e filhos, a sr.ª D. Maria Madalena Valadas do Nascimento Aguas da Ponte, nossa comprovinciana, residente em Lisboa.

Em gozo de férias, encontra-se em Olhão o cadeie da Academia Militar, sr. João Alberto Honrado Gomes.

De visita a seu tio, sr. João Alberto Leiria, está em Vila Real de Santo António a menina Isabel M. Fernandes Correia, residente no Barreiro.

A fim de fazerem a sua habitual cura de águas, encontram-se nas Caldas de Monchique, os nossos assinantes srs. dr. Alonso Vasques e José Graciliano Vieira Carmo, e no Luso, os nossos assinantes srs. Manuel Pereira da Cruz e Inácio Coelho Martins, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Amélia da Conceição Mentes Martins.

Fixou residência em Cascais o nosso assinante sr. José Telésforo Ramos.

De visita a suas famílias e em gozo de férias, encontram-se em Vila Real de Santo António, acompanhada de sua mãe, a sr.ª D. Maria José Lança de Almeida, e, com suas esposas e filhos, os nossos assinantes srs. António Casimiro Lima, António Sebastião Martins e Hugo Ribeiro; no Livramento, o sr. Túlio de Oliveira Gonçalves; em Portimão, o sr. José João Ribeiro Clemente; em Lagos, o sr. José Alexandre Rosa; e no Monte da Redonda (Cachopo) o sr. Manuel Gregório Martins.

Acompanhado de sua esposa e filho, encontra-se a férias em S. Marcos da Serra o sr. Jorge Inocência Rodrigues, sargento aviador e nosso assinante no Barreiro.

Encontra-se a veranejar em Colares, acompanhada de seu esposo sr. Adão Taveira e filhos, a nossa assinante em Lisboa, sr.ª D. Felicidade Pato Taveira.

De Lisboa onde passou uma larga temporada, regressou à sua residência em Beja o nosso assinante sr. José Gregório Vieira.

Está em Vila Real de Santo António o sr. Amílcar Gonçalves, nosso assinante na Covilhã.

Estão a férias, em Silves, o sr. João Manuel Rocha de Sousa, aluno das Belas Artes e nosso prezado colaborador, e em Loulé o nosso assinante sr. Hélder Manuel Pinheiro Ramos e Barros, estudante universitário.

Encontra-se a veranejar na sua quinta da Senhora da Saúde, com

sua família, o nosso assinante sr. tenente-coronel João Carlos Guimarães.

Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Jesuína Augusta Martins da Encarnação, e de sua filha, está a férias em Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. Alberto Feliciano Pereira da Encarnação, piloto da barra do Douro e Leixões.

De visita a sua família, está em Vila Real de Santo António o sr. António Teixeira de Morais, nosso assinante em Vila Real de Santo António (Angola).

Encontram-se a férias em Portugal o nosso assinante sr. José Gonçalves Correia e sua esposa, sr.ª D. Arminda Travassos do Carmo Correia, residentes no Rio de Janeiro.

De visita a suas famílias, encontram-se em Vila Real de Santo António a nossa assinante sr.ª D. Maria Domingues Beles e, com seus filhos, a sr.ª D. Arminda dos Santos Trindade Açoas, esposa do sr. João Humberto Reis Açoas.

Seguiu para Portimão, em gozo de férias, com sua esposa e filha, o nosso assinante sr. António do Carmo Ramos, chefe da Secção de Finanças de Vila Real de Santo António.

De visita a seus pais, encontra-se em Tunes, acompanhada de seu esposo sr. Amadeu de Jesus Pires, funcionário do Banco Nacional Ultramarino, em Lisboa, e de sua filha Gisília, a sr.ª D. Ivone das Dores Bento Pires, professora oficial em Santana de Sesimbra.

A fim de passar algumas semanas no nosso País, encontra-se em Lisboa a sr.ª D. Maria do Rosário Calca, nossa assinante em Waterbury (América do Norte).

Estiveram em Vila Real de Santo António e visitaram o Jornal do Algarve os nossos assinantes srs. António Gomes Toledo, Eduardo Vieira e José Afonso Henriques e os srs. Antero Martins Xavier, José Maria Ramos Duarte, José Pitêira Prates e Manuel Hermínio Viegas Pinheiro, da Aeronáutica Militar. Agradecemos a gentileza.

A nossa assinante sr.ª D. Maria Albertina Carlota Ramos seguiu para Vindica (Nova Lisboa — Angola) a fim de se reunir a seu esposo, sr. Inácio Júlio Ramos, comerciante naquela localidade.

Acompanhados de suas famílias, encontram-se a veranejar, em Monte Gordo: os nossos assinantes srs. drs. Francisco Sancho de Sousa Uva, José Isidro Farragosa Rocheta e Júlio Sancho, engs. José Gaudêncio Pessanha Barbosa, M. D. M. Falconer e Santos Nunes, e Manuel Aragão Barros, Manuel Viegas da Fonseca e Viriato Rodrigues Miguelis; e, acompanhada de suas filhas, a sr.ª D. Carminda Nôia Oliveira, esposa do sr. Alberto de Sousa Oliveira; na praia de Faro: o nosso assinante sr. José Emílio dos Santos Pardal; em Albufeira: o sr. dr. Joaquim Peixoto Magalhães; em Armação de Pera: o nosso assinante sr. José Simão da Silva; e na praia de Benagil: a nossa assinante sr.ª D. Ilda de Jesus Lamy.

Regressou dos Açores e Madeira, onde foi em viagem de negócios, o nosso prezado colaborador sr. Arnaldo Martins de Brito.

Pedido de casamento

Pela sr.ª D. Vera Maria da Rocha Fontes Serra Amaral e seu esposo, sr. Alexandre Herculanu Serra Amaral, comerciante e proprietário em Mangualde, foi pedida em casamento, para seu filho sr. José Alberto Fontes Serra Amaral, estudante universitário, a nossa comprovinciana sr.ª D. Maria Celina Correia Fernandes Leal, também estudante universitária, filha da sr.ª D. Maria José Baptista Correia Fernandes Leal, professora oficial, e do nosso amigo sr. José Fernandes Leal, gerente do Banco Nacional Ultramarino, em Vila Real de Santo António.

Casamentos

Em Vila Real de Santo António realizou-se o casamento, por procuração, da sr.ª D. Maria Edite de Sousa Santos, filha da sr.ª D. Maria da Assunção Xavier de Sousa Santos e do sr. António Estrela dos Santos, com o sr. Manuel Fernando Correia Salvador, residente em Santos (Brasil), filho da sr.ª D. Irene Correia e do sr. Henrique Salvador. Representou o noivo, seu irmão, sr. João Correia Salvador e apadrinharam o acto os srs. António Xavier de Sousa e Joaquim José Xavier de Sousa, tios da noiva.

Os ranchos folclóricos algarvios e as comemorações henriquinas em Lagos

NAS festas realizadas em Lagos, no sábado passado, integradas nas comemorações henriquinas, tiveram excelente actuação os Ranchos Folclóricos de Lagos, da Casa do Povo da Conceição de Faro, da Casa do Povo de Alte e Infantil de Danças e Cantares das Escolas Primárias de Vila Real de Santo António.

LOTAS de ALGARVE

de 4 a 10 de Agosto

Vila Real de Santo António

TRAINEIRAS:	
Raulito	41.845\$00
Vulcão	40.450\$00
Infante	40.250\$00
Lestia	38.240\$00
Flor do Guadiana	35.540\$00
Flor do Sul	35.400\$00
Ramira	28.610\$00
Triunfante	27.480\$00
Audaz	26.070\$00
Brisa	25.530\$00
Pérola do Guadiana	22.650\$00
Agadão	20.950\$00
Maria Rosa	19.550\$00
Suestada	17.950\$00
Leste	16.750\$00
Janita	14.890\$00
Norte	14.080\$00
Liberta	12.950\$00
Temporal	8.160\$00
Conceçanita	7.500\$00
Refrega	4.580\$00
Tufão	5.995\$00
Amazona	5.500\$00
Noroeste	500\$00
Clarinha	480\$00
Total	507.420\$00

Atum da costa algarvia

Abóbora

25 atuns, 5 atuarros e 1 albacora	20.488\$40
-----------------------------------	------------

Tavira

Artes diversas

Artes diversas	29.295\$50
----------------	------------

Santa Luzia

Artes diversas

Artes diversas	22.520\$00
----------------	------------

Cabanas

Artes diversas

Artes diversas	5.156\$00
----------------	-----------

Quarteira

TRAINEIRAS:

Alvarito	4.574\$00
Virgem te guie	2.596\$00
Agadão	2.133\$00
Trio	2.043\$00
S. Paulo	1.530\$00
Restauração	510\$00

Armação de Pera

Artes diversas

Artes diversas	65.185\$00
----------------	------------

Praia de Salema

Artes diversas

Artes diversas	64.442\$00
----------------	------------

Lagos

TRAINEIRAS:

Gracinha	61.170\$00
N.ª Sr.ª da Graça	56.240\$00
Vulcânica	55.470\$00
Marisabel	36.150\$00
Brisamar	27.690\$00
Costa de Oiro	25.760\$00
Virgem te guie	22.410\$00
Milita	20.920\$00
N.ª Sr.ª de Pompeia	16.500\$00
Pérola de Lagos	14.240\$00
Oca	7.230\$00
Pérola do Barlavento	2.690\$00
Fernando Carlos	1.400\$00
Canopa	1.350\$00
N.ª Flávia	900\$00
Fóia	810\$00
Praia Amélia	700\$00
La Rose	550\$00
Total	502.090\$00

Armações:

Senhora da Conceição	12.927\$00
Maria Luísa	4.115\$00
Artes diversas	56.014\$00
Total	66.041\$00

Artes diversas

Artes diversas	64.442\$00
----------------	------------

Artes diversas

Artes diversas	64.442\$00
----------------	------------

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todos os centros piscatórios do Continente e Ultramar.

Portimão

TRAINEIRAS:

Gracinha	96.530\$00
Oca	92.550\$00
Farihão	89.550\$00
Portugal 1.ª	86.580\$00
Olimpia Sérgio	85.470\$00
Maria Benedito	80.850\$00
70.720\$00	
Briosa	68.670\$00
Fernando Carlos	62.100\$00
Dórita	61.108\$00
Belalgarve	60.492\$00
Sol	57.400\$00
Praia Amélia	52.580\$00
Estrela de Maio	50.585\$00
S. Flávio	48.770\$00
Fóia	47.990\$00
Sr.ª do Cais	46.450\$00
Maria do Pilar	44.620\$00
S. Paulo	44.610\$00
Flora	45.000\$00
Belnicete	42.960\$00
Amazona	41.400\$00
N.ª Sr.ª de Pompeia	40.700\$00
Marisabel	39.900\$00
Pérola do Oceano	39.860\$00
Anjo da Guarda	37.690\$00
Pérola Algarvia	35.750\$00
Arrifana	35.250\$00
Milita	31.900\$00
Pérola do Arade	31.200\$00
Trio	30.200\$00
Nicete	27.270\$00
Mirita	27.270\$00
Maria Odete	24.060\$00
Costa Azul	23.540\$00
Lua Nova	23.160\$00
Brisamar	21.700\$00
Vulcânica	21.620\$00
Canopa	19.685\$00
N.ª Sr.ª da Graça	18.700\$00
Oeste	17.450\$00
Pérola do Barlavento	17.060\$00
Praia Vitória	15.950\$00
Lehozinho	14.500\$00
Virgem te guie	14.250\$00
Alvarito	13.108\$00
Tufão	12.300\$00
Estrela do Sul	8.800\$00
Isa	7.300\$00
Restauração	7.050\$00
Costa de Oiro	5.870\$00
Clarinha	4.670\$00
Noroeste	1.500\$00
Sr.ª da Saúde	720\$00
Total	2.040.710\$00

de 4 a 9 de Agosto

Olhão

TRAINEIRAS:

Amazona	67.899\$00
Nova Sr.ª da Piedade	40.269\$00
Infante	55.258\$00
Salvadora	51.247\$00
Estrela do Sul	50.526\$00
Janita	22.077\$00
Sete Estrelas	20.530\$00
Audaz	19.170\$00
Vulcão	18.112\$00
Tufão	17.120\$00
Triunfante	16.507\$00
Suestada	14.850\$00
Leste	14.487\$00
Maria Rosa	14.278\$00
Flor do Sul	13.178\$00
Norte	12.890\$00
Oeste	12.193\$00
Clarinha	11.925\$00
Restauração	11.829\$00
Alecrim	10.610\$00
Ramira	9.108\$00
Alvarito	8.631\$00
Pérola do Barlavento	8.067\$00
Flor do Guadiana	7.605\$00
Mirita	6.986\$00
Brisa	6.855\$00
Liberta	6.708\$00
Fernando Carlos	6.508\$00
Farihão	6.268\$00
Pérola Algarvia	6.025\$00
Maria Benedito	5.988\$00
Noroeste	5.281\$00
Sol	5.253\$00
Lestia	4.830\$00
Lua Nova	4.805\$00
Temporal	4.495\$00
Flora	4.200\$00
Sr.ª da Saúde	3.958\$00
Belnicete	3.508\$00
Pérola do Guadiana	3.508\$00
Refrega	257\$00
Praia Vitória	185\$00
Sr.ª do Cais	49\$00
Total	555.852\$00

CASA MARSILVA de MARIA LOPES

Rua Matias Sanches, 24 e 26 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Apresenta moderníssimas criações em calçado para homem, senhora e criança, adquiridas na sua recente visita ao Norte do País, nos mais conceituados criadores de modelos.
Grande alteração de preços ao alcance de todas as classes.

ESPECIALMENTE CONSTRUÍDOS PARA PEQUENAS EMBARCAÇÕES ECONÓMICOS E DE FÁCIL CONDUÇÃO

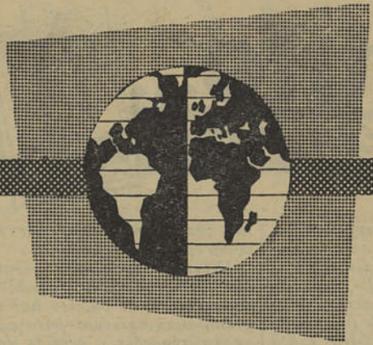
SAMOFA
MOTORES MARÍTIMOS DIESEL
DE 8, 10, 15 E 30 H. P.
ENTREGAS IMEDIATAS

REPRESENTANTES C. SANTOS LDA.
LISBOA • PORTO • OLHÃO • VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

VENDA DE BIQUEIRÃO EM SALMOURA

Até às 15 horas do dia 16 do corrente mês de Agosto, recebem-se propostas em carta fechada para a venda de 10 toneladas, aproximadamente, de Biqueirão em Salmoura, arrolado na Falência da firma Duarte Mascarenhas, Lda., de Olhão.
As cartas devem ser dirigidas ao Magistrado Síndico de Falências da Comarca de Olhão e serão abertas àquela hora no seu gabinete, na Secretaria Judicial, na presença dos interessados que comparecerem.
Sobre o preço da venda acresce a percentagem estabelecida para as arrematações judiciais.
Declara-se que as latas onde o biqueirão se encontra acondicionado, não fazem parte de venda.

PANORÂMICA



COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

O transporte de combustíveis no Globo

FACTO de existir um tipo de embalagem tão prático como é a lata, elimina hoje qualquer dificuldade para transportar de um lado para o outro, os derivados do petróleo. Há latas para gasolina, petróleo e lubrificantes.

Contudo, as latas constituem apenas os mais pequenos e mais vulgares recipientes da série que a indústria do petróleo concebeu para transportar aquele produto ou derivados e que inclui, além dessas latas, navios-tanques oceânicos, «pipe-lines», barcaças, vagões ferroviários e, finalmente, tambores. Cada um desses recipientes é importante peça na cadeia que mantém o mundo abastecido com os 800 milhões de toneladas de petróleo e derivados de que necessita anualmente.

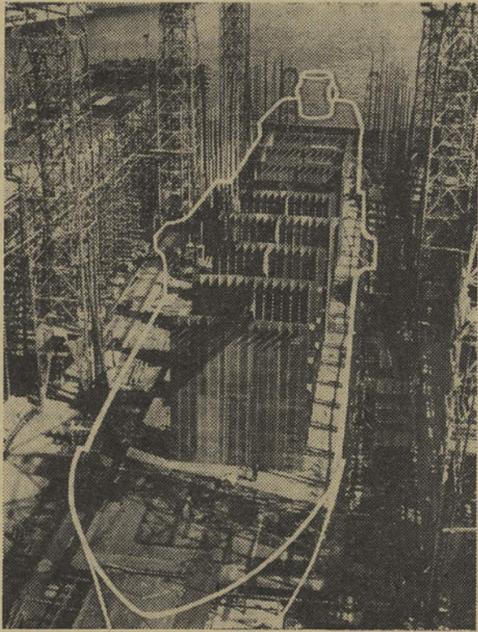
O centro de abastecimento principal é a refinaria onde o petróleo bruto é recebido e transformado nos produtos que o consumidor utiliza. O sistema de transporte está disposto em sequência lógica: o petróleo bruto vai para as refinarias; os produtos seguem das refinarias para as instalações e das instalações para os clientes. Os principais movimentadores de petróleo bruto e dos produtos derivados do petróleo são o navio-tanque e o «pipe-line». Neste artigo apreciamos um e outro.

Num moderno navio-tanque, o espaço destinado à carga é normalmente dividido em nove tanques principais. Estes são subdivididos em três partes, perfazendo vinte e sete compartimentos estanques. Um navio-tanque é facilmente reconhecível, pois que a chaminé e as máquinas estão colocadas à popa, em vez de a meia-nau como nos outros navios. Isso evita que o veio do hélice passe pelos tanques.

Os navios-tanques são classificados como «limpos» ou «escuros», conforme transportam combustíveis «brancos», tais como gasolina ou

toda a marinha mercante mundial. A maioria das grandes companhias petrolíferas possui navios-tanques próprios ou fretados a outrem, a longo ou a curto prazo. A movimentação dessa frota de navios-tanques exige uma organização perfeita.

-tanques entre 40.000 e 70.000 toneladas e, este ano, será entregue o primeiro navio-tanque de 100.000 toneladas. Um navio-tanque de 65.000 toneladas custa 320 mil contos. Há 7.000 anos, os chineses usa-



A linha branca indica como ficará o navio-tanque depois de construído para a SHELL

ta. Há que preparar, com antecipação de muitos meses, um programa relativo a dezenas de barcos, o que exige cooperação constante em muitos pontos do mundo, visto que a paragem de um navio-tanque, nem que seja por um dia, custa milhares

vam já «pipe-lines» de bambu, numa antecipação da cadeia de tubos de aço que constitui os «pipe-lines» de hoje.

Embora seja geralmente mais barato transportar petróleo a granel pelo mar, os «pipe-lines» são nalguns casos muito económicos, especialmente quando a alternativa para uma curta viagem por terra é uma longa viagem por mar de muitas milhas de distância. Um bom exemplo de economia é o «pipe-line» de 1.609 quilómetros, existente na Arábia Saudita, que poupa uma viagem de 9.654 quilómetros e o pagamento das taxas de travessia do Canal de Suez.

ANEDOTAS

Uma dama, muito desembaraçada, está a ser julgada sob a acusação de ter tentado envenenar o marido, o qual só por milagre escapou à morte.

Até que chega a pergunta sacramental do juiz:

— A acusada tem alguma coisa a alegar em sua defesa?

Resposta, prontíssima, da dama: — Eu? Peço a autopsia!

Um destes rapazes bem dispostos regressa da Lua, onde foi passar o fim de semana. Naturalmente, os amigos, curiosos e tão bem dispostos como ele, fazem-lhe uma série de perguntas.

— Então — inquire um deles — há habitantes na Lua?

— Claro!

— E as mulheres? Como são?

— Bem, como na Terra. Apenas têm os seios nas costas!

— Oh, que diabo! Mas que problema para as crianças mamar!

— Lá isso é! Mas em compensação dá enorme conforto para dançar!



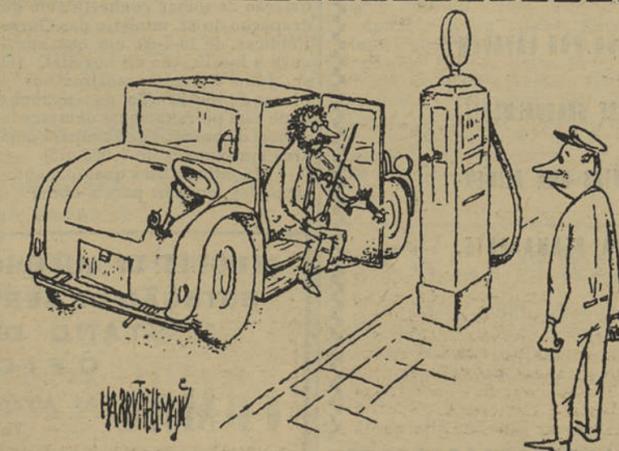
As latas de SHELL X-100, aproveitadas no ambiente rústico português

petróleo, ou combustíveis «escuros» como seja petróleo bruto e «fuel-oil». Os combustíveis são normalmente carregados nos navios-tanques por meio de bombas instaladas nos cais. Utilizam-se porém as bombas do barco para a descarga, que é feita através de grandes mangueiras flexíveis que ligam os navios-tanques aos «pipe-lines» instalados nos cais. Um navio-tanque médio, moderno, de 18.000 toneladas, bombeia ao ritmo de cerca de 1.500 toneladas por hora, ao passo que os barcos maiores, de 30.000 toneladas para cima, bombeiam quase o dobro.

Em média, transitam no mundo, durante cada dia que passa, cerca de 14 milhões de toneladas de petróleo bruto e de derivados do petróleo. A tonagem total dos navios-tanques constitui um quarto de

de escudos. Tal programa deve ser flexível, adaptando-se às necessidades de refinação e do mercado, as quais variam e podem levar a frequentes alterações para satisfazer a procura. Por outro lado, se um navio é obrigado, por qualquer motivo, a não obedecer ao programa estabelecido, pode facilmente transitar todos os preparativos para muitas outras viagens.

Desde a última guerra que se registou grande tendência para construir navios-tanques cada vez maiores. Unidades de 30.000 toneladas são agora comuns, havendo-as também de 40.000 cada e de 85.000. Estão encomendados muitos navios-



Acredite se quiser...

Em Appleton, Wisconsin, James Boxtel, foi multado por excesso de velocidade, embora explicasse que comprara dois «cachorros quentes» e queria chegar a casa antes que arrefecessem.

* A Pacific Telephone Co. apresentou ao tribunal de Fresno, Califórnia, para cobrança litigiosa, um recibo de cerca de mil e setecentos dólares, de 462 chamadas telefónicas feitas em menos de dois meses por Helen Jackson, de quinze anos, para o seu namorado. A mãe recusa-se agora a pagar, alegando in consciência.

NÃO É MÁ A DIETA DOS PILOTOS DO ESPAÇO

UM regime alimentar exclusivamente baseado em alimentos líquidos foi experimentado durante três semanas por quinze voluntários, civis e militares, de uma base aérea americana em Ohio.

Esse regime era constituído por dois tipos de «menus», fornecidos três vezes ao dia. Assim:

Menu A — Sumo de tomate, canja de galinha, leite achocolatado, sumo de alperche, caldo de carne, sumo de limão, café.

Menu B — Sumo de alperche, sumo de ananás, canja de galinha, leite achocolatado, sumo de maçãs, sopa de legumes passados, sumo de limão, café.

No fim da experiência, apenas alguns dos cobaias se sentiam «ligeiramente fatigados».

SABIA QUE...

...o Grupo Royal Dutch/Shell é proprietário, total ou parcialmente, de cerca de 31 mil quilómetros de «pipe-lines», nos quais movimentam petróleo bruto, derivados do petróleo e gás natural?



Beleza e elegância e um vestido de «nylon», produto derivado de petróleo

SERVINDO A LAVOURA

O GRUPO ROYAL DUTCH/SHELL E OS PRODUTOS QUÍMICOS PARA A AGRICULTURA

pelo eng.-agr. EDUARDO GAUPERS

É UM facto largamente conhecido ser o Grupo Royal Dutch/Shell uma entidade que se dedica desde há muitos anos à prospecção, extracção, refinação e venda de petróleos; é todavia menos conhecida a maneira como o Grupo Royal Dutch/Shell veio a interessar-se pela produção e venda de produtos fitossanitários.

Por alturas de 1910, um pomareiro da Tasmânia utiliza, por curiosidade, um óleo lubrificante na pulverização de árvores de fruto, ao que parece com bastante êxito. O facto foi levado ao conhecimento de uma companhia petrolífera australiana — a Neptune Oil Company — que não tardou a desenvolver a sua actividade na experimentação e venda de caldas oleosas para pulverização de árvores de fruto. Em 1925, a Neptune Oil Company, fundindo-se com a Shell C.º of Austrália, veio tornar o Grupo Shell automaticamente interessado na produção e venda dessas caldas oleosas. Por outro lado, verificava-se que se podiam combater eficazmente as larvas de mosquitos nas águas estagnadas, pulverizando essas áreas com um produto obtido da destilação do petróleo a que se chamou Malariol. Também o reconhecimento de que o petróleo, quando utilizado como dissolvente de pequeníssimas quantidades de piretro, constituía um poderoso insecticida doméstico, veio tornar ainda mais fortes as ligações do Grupo Shell com o campo dos insecticidas.

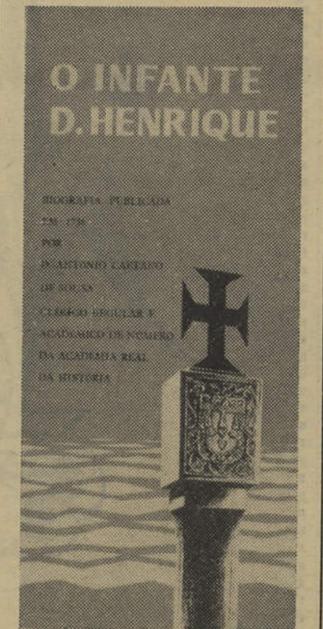
Com a introdução dos insecticidas organo-sintéticos, logo após a segunda guerra mundial, foram completamente alterados os conceitos de luta

antiparasitária até então existentes. Ao Grupo Shell ofereciam-se dois caminhos: ou continuar com os produtos clássicos até ali existentes, ignorando a chegada dos novos insecticidas organo-sintéticos, ou alargar imediatamente os seus esforços no sentido de vir também a fabricar produ-

UMA BIOGRAFIA DO INFANTE D. HENRIQUE

EDITADA PELA SHELL PORTUGUESA

NO intuito de colaborar nas Comemorações Henriquinas, a Shell Portuguesa editou para distribuição, num folheto de excelente aspecto gráfico e cuja capa se deve



a Joaquim Bertholo, uma biografia do Infante D. Henrique publicada, em 1736, por D. António Caetano de Sousa, clérigo regular e académico de número da Academia Real de História.

tos organo-sintéticos. Foi adoptada esta segunda atitude e, para isso, foram criados os Centros de Investigação Agrícola de Modesto (U. S. A.) e de Woodstock (Inglaterra). Também nos Laboratórios de Amsterdão ficou a trabalhar uma equipa de investigadores e biólogos.

Que todos estes esforços de investigação foram coroados de êxito, prova-o a larga gama de produtos técnicos e formulações de que o Grupo Shell dispõe actualmente, bem como o desenvolvimento de algumas novas técnicas de aplicação de produtos que os Laboratórios da Shell criaram e aperfeiçoaram.

Assim, no campo dos insecticidas, o Aldrin, o Dieldrin e o Endrin têm vindo a desempenhar papel de relevo em todo o Mundo: o Aldrin, como o mais eficaz dos insecticidas do solo e como o insecticida mais prático e económico na luta antiacridiana; o Dieldrin em numerosas pragas agrícolas e, sobretudo, no campo da saúde pública, onde se considera que já salvou alguns milhões de vidas pelo seu efeito no combate aos mosquitos transmissores da malária; o Endrin, como insecticida versátil da Agricultura, com larga aplicação em culturas tropicais, tais como o café, cacau, cana sacarina, algodão, etc. Ainda recentemente começou a ser produzido, pelo Grupo Shell, o «Phosdrin», insecticida organofosfórico que, embora bastante tóxico para o homem, é considerado o mais seguro do ponto de vista do consumidor dos produtos tratados, devido à rapidez com que desaparecem das plantas tratadas quaisquer resíduos desse insecticida.

Loule... em retrato



ACABO de ler numa revista a notícia e os pormenores da guilhotinagem em França, de George Rapin, o célebre «mons. Bill», acusado do assassinio de um encarregado de bomba de gasolina, pai de três crianças, na noite de sexta-feira santa em 1958 e de uma pobre rapariga de quem se julgava protector — Dominique — em 30 de Maio de 1959.

Este Rapin, com 28 anos de idade, filho de um engenheiro e de uma senhora da sociedade, é bem o tipo do menino criado com todos os defeitos dos meninos que mandam nos papás, o produto genuíno de um menino educado na liberdade de fazer o que quer. E que herança deixou aos seus!...

Um soluço de angústia permanente a perturbar a alma de uma mãe, que foi branda demais, que sacrificou os seus deveres de educadora ao que ela supunha ser os direitos de um filho. E, certamente, um remorso contínuo de ter contribuído com a sua lassidão, para formar um ser hediondo de maldade.

Mas, cabe aqui perguntar, se na França, país da luz, primado do espírito, alfofre de ideias generosas que tanto se esforçou através do seu escol de intelectuais, de pensadores, de cientistas, de humanistas, para poupar a vida a Chessman, é permitido ainda matar gente e gente tão nova como Rapin, ainda em idade tão tentadora para uma regeneração.

E nem uma palavra de reprovação se ouve!

Como é estranho este mundo em que vivemos!

A IDA a Sagres, para apreciar a magestade dos números que ali se desenvolveram integrados nas comemorações, conseguiu reduzir sensivelmente o número dos veraneantes de domingo em Quarteira. Não parecia um domingo habitual. As camionetas chegaram a esperar por passageiros para encherem e as cordas que servem de vedação ao «assalto» estavam praticamente inoperantes.

Sentia-se, de facto, a falta de muita gente.

HÁ dias, nos Correios, originei um despacho errado, pedindo às senhoras que ali estavam para despachar por via aérea umas amostras que pretendia fazer seguir para o Ultramar por via marítima.

Quando me penalizava pelo incómodo e perda de tempo que havia provocado, elas, muito amavelmente, objectaram que não havia inconveniente e que tudo se fazia num abrir e fechar de olhos.

Realmente, sabe bem dar o devido valor a quem nos recebe com atenção, urbanidade e delicadeza em qualquer repartição pública e acho que não devemos só mencionar os casos de queixa ou de demoras, mui-

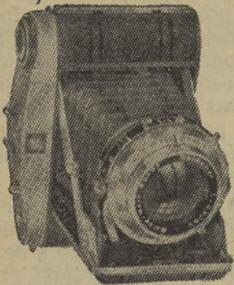
CASA DIAS

Rua Miguel Bombarda, 14

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Livros da Editorial Século

Máquinas fotográficas «BALDA»



A MÁQUINA PARA TODOS

Equipada com a objectiva de fantástica abertura 2,9 permitindo fotografar em péssimas condições de luz onde quaisquer outras fracassam.

DISPARADOR AUTOMÁTICO

Preço excepcional esc. 690\$00

As conservas de peixe e a cortiça no mercado suíço

Conclusão da 1.ª página

mente, a cortiça como revestimento de soalhos ou outros nem como isolante térmico ou acústico. Urge, portanto, fazer notar as grandes vantagens deste nosso produto natural neste campo. Uma firma suíça reclamou recentemente dizendo que o exportador português tinha começado a exigir o embarque contra a apresentação de crédito bancário irrevogável, prática que está quase abolida.

O Jornal do Algarve vende-se em Lisboa, na Tabacaria Mónaco, no Rossio.

tas vezes provocados por clientes, como eu, no caso presente.

Devemos igualmente louvar os que, compenetrados da sua função de servidores do público, não só cumprem, mas excedem para além das suas obrigações, o sentido da cortesia e afabilidade que é devido a quem procura o serviço.

FAZ agora em Outubro 19 anos, que, em plena guerra, apareceu em frente de Quarteira o barco francês «Martin Le Pecheur», da praça de Saint Malo, com fogo a bordo. Socorrido por bravos pescadores de Quarteira, foi recolhida a sua tripulação no posto aduaneiro de Quarteira, onde hoje está instalado o mercado municipal. Contaram os naufragos que o barco, que se dirigia para os bancos da Terra Nova, à pesca do bacalhau, fora surpreendido por um submarino alemão que deixara uns tantos marinheiros a bordo para o conduzir para a Alemanha, mas que, perto de Sagres, os franceses apanhando a maior parte dos alemães a dormir, conseguiram desarmá-los e atirá-los ao mar. Procuraram refúgio num porto português e pouco antes de Quarteira declarou-se fogo a bordo, pelo que se consideravam perdidos se não fosse a providencial ajuda dos pescadores desta praia.

A explicação dos naufragos, com muitas contradições e inverosimilhanças, a começar na do barco que saía do norte da França para a Terra Nova, ter sido desviado para a costa de Portugal, quando teria sido muito mais fácil ao submarino metê-lo no fundo, não foi discutida, nem tinha que ser, por nós, portugueses, a quem nada mais restava que prestar o auxílio e o conforto de que os oito naufragos careciam.

E foi tão desvelada a ajuda e tão apreciada este acto pelo governo francês, que o embaixador da França, mons. Gentil, se deslocou expressamente a Quarteira, onde se realizou uma cerimónia religiosa de acção de graças e se promoveu uma distribuição de xailes e cobertores aos velhos mais necessitados de Quarteira. Ao prior de Quarteira, foi oferecido um rico paramento de altar, pelo referido diplomata.

Dramas sucedidos durante a Grande Guerra de que não falamos os comunicados oficiais!

Repórter X

Festas anuais no Algarve

Em Ferragudo

Nesta pitoresca aldeia que o Arade separa de Portimão efectua-se amanhã as tradicionais festas em honra da Imaculada Conceição, sua padroeira, com o seguinte programa: As 8, alvorada; às 9, missa de comunhão geral; às 12, missa solene e sermão; às 19, procissão e bênção do mar; às 21, quermesse, concerto musical e fogo de artifício.

O produto das festas destina-se a obras a realizar na igreja.

Em Castro Marim

Prometem revestir-se de muito brilho, por coincidirem com a inauguração dos melhoramentos efectuados no castelo por motivo das comemorações henriquinas, as festas em honra de Nossa Senhora dos Mártires, cujo programa é o seguinte:

Amanhã — As 8, missa de comunhão; às 11, missa solene; à tarde, inauguração dos melhoramentos no castelo. Dia 15 — As 7, alvorada; às 9, missa de comunhão geral; às 12, missa solene e sermão; às 20, procissão com a imagem da padroeira; às 22, quermesse, concerto pela Banda Castromarinense e fogos de artifício.

HORTA

Com abundância de água, casas de habitação e dependências, no sítio do Gião (Moncarapacho). Vende-se por motivo de retirada. Trata, no local, Manuel Pedro Cabrita.

ACAMPAMENTO

DISTRITAL DA M. P. EM CASTRO MARIM

INTEGRADO nas comemorações henriquinas no Algarve, realiza-se amanhã no castelo de Castro Marim um acampamento da Mocidade Portuguesa, que reunirá cerca de 150 filiados, de todas as Alas do Algarve, e que constituirá uma homenagem da gente moça algarvia ao insigne mestre da Ordem de Cristo.

Também estarão presentes os componentes da Escola Regional de Graduados, que, como noticiámos se encontra funcionando em Tavira.

Amanhã à noite o acampamento será visitado por altas individualidades do nosso distrito, que assistirão à «chama», que constará de números de folclore, teatro, poesia e canto e da distribuição dos prémios dos últimos certames literários.

A entrada no castelo, para assistir à «chama», é livre.

Quinta de Santa Rita

Muito próximo da linda praia da Senhora da Rocha, situada numa proeminência donde se desfruta um panorama de esplendorosa beleza e no melhor ponto para caça, pesca e mariscos, cerca de maravilhosas praias e furnas, fica a Quinta de Santa Rita de que se aluga o 1.º andar, com 9 divisões e «marquise», e mais duas moradias no rés-do-chão, com garagem e duas cisternas com água. Tratar com José Simão da Silva — Senhora da Rocha — Armação de Pera.

TINTAS «EXCELSIOR»

"ASSIMIL"

Cursos de línguas por discos, mais eficientes e práticos

Custódio Cardoso Pereira & C.ª, Suc.

9, Rua do Carmo, 13

L I S B O A

ANTIGO LOTE DE CAFÉ



CHAVE D'OURO

MAIS DE 50 ANOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO

Serve-se à chávina e vende-se a peso em todo o País

Preparadores: VILARINHO & SOBRINHO, LDA.

Janelas Verdes — Lisboa

Avizinha-se de S. Brás de Alportel UMA LUFADA DE PROGRESSO

Conclusão da 1.ª página

do concelho, fizemos a primeira pergunta:

— Pode informar-nos em que ponto se encontram os trabalhos preparatórios para execução da obra de abastecimento de água a S. Brás de Alportel?

— Com muito gosto. Precisamente há poucos dias foi recebido nesta Câmara o projecto definitivo dessa obra, uma das que considero indispensáveis para a nossa terra. Vai ser apreciado pela Câmara e pela Direcção dos Serviços de Urbanização de Faro e penso que terá dado entrada na Direcção-Geral de Salubridade, para aprovação.

— E quando pensa a Câmara poder dar início aos trabalhos?

— Não me desgostaria que ainda pudesse ser este ano, mas creio que se assim não for, poderão começar em princípios de 1961.

Esgotos, águas e reparação de pavimentos — obras simultâneas

— Quando resolve a Câmara reparar e concluir a rede de esgotos? — inquirimos do nosso entrevistado.

— Esperava que o engenheiro encarregado do projecto, aliás a mesma pessoa que acaba de elaborar o do abastecimento de águas, o tivesse pronto, mas tal não sucede, naturalmente pelo seu muito serviço. Todavia a Câmara vai enviar todos os esforços no sentido da sua obtenção, por ser da maior conveniência que os trabalhos de canalização de águas e rede de esgotos se efectuem simultaneamente, tanto mais que, embora se reconheça que os pavimentos das ruas estão em muito mau estado, temos aguardado essa oportunidade para se proceder também a essas reparações.

— Dessa maneira a Câmara aproveita a ocasião para fazer como que três empreitadas simultâneas por motivos económicos: esgotos, águas e reparação definitiva dos pavimentos, não é assim?

— Exactamente, assim pensamos fazer, mas desde que a demora ou condições de uma não possam retardar muito ou resultar em prejuízo de outra.

— Pode dizer-nos algo acerca da construção do novo mercado?

— Quando ultimamente estive em Lisboa fui informado pelo sr. engenheiro-chefe dos Melhoramentos Urbanos de que o respectivo projecto já começara a ser estudado mas que fora interrompido por motivo de outros serviços considerados de mais urgência e ainda por falta de alguns elementos esclarecedores que entretanto já foram prestados. No entanto, foi-me dito que o sr. arquitecto encarregado do assunto retomaria este trabalho, e dada a urgência que temos desta obra, confio que seremos compreendidos e que não demorará muito tempo a elaboração do projecto, sem o qual nada podemos adiantar.

A localização e a construção do novo hospital

O novo hospital, oferta do ilustre benemérito são-brasense sr. José Lourenço Viegas, é, naturalmente, uma das maiores preocupações da gente do nosso concelho. Por isso inquirimos do sr. Vargues Parreira o que há acerca da sua construção.

— Embora este caso — respondo-nos — não esteja a ser tratado directamente pela Câmara, mas sim pela Santa Casa da Misericórdia local, trata-se de uma obra pela qual todos sentimos o mais vivo interesse e portanto procurei saber como estava o assunto, tendo a satisfação de tomar conhecimento do despacho do sr. ministro das Obras Públicas, de 19-7-60, em que aprovava a localização do hospital. (O sr. Júlio Parreira mostrou-nos a planta de localização dos terrenos onde está perfeitamente demarcado o local do hospital que ocupará uma área aproximada de 7.000 m2).

— Há dificuldades quanto à aquisição dos terrenos para a obra?

— Logo que obtive a informação daquele despacho ministerial procurei avistar-me com o sr. Lourenço Viegas. Escusado será dizer que se mostrou satisfeito, demonstrando apenas uma certa relutância quanto ao valor que os proprietários ainda atribuem aos terrenos necessários para a edificação de uma obra com tão largas repercussões; no entanto, cremos que com um pouco de boa vontade e nunca esquecendo o fim em vista, os referidos proprietários irão mais de encontro ao que consideramos razoável e justo.

— Em que ponto estão os trabalhos preparatórios para se poder fazer o prolongamento da Avenida Dr. Oliveira Salazar?

— O projecto já nos devia ter sido entregue. Continuamos a aguardá-lo com o maior empenho para vermos melhor as nossas possibilidades, na realização deste grande melhoramento para a vila de S. Brás de Alportel. Estamos convencidos que levaremos ao fim este empreendimento, pois que todos os proprietários com terrenos confinantes, e que temos consultado até agora, nos têm dado as maiores facilidades. De qualquer forma também está na intenção da Câmara melhorar convenientemente a estrada da Campina.

— Pode dizer-nos algo acerca dos trabalhos em curso na rede de iluminação pública?

— Como já é do conhecimento público, a rede de abastecimento de energia eléctrica ao sítio do Alportel foi inaugurada no dia 27 de Julho com a presença do sr. governador civil do distrito e outras entidades. Também o sítio de Mealhães vai dispor dentro em breve de tal benefício pois foi concedida a empreitada dessa obra à firma CONSIL, de Faro, que está procedendo aos trabalhos e fazendo todos os esforços para que tudo esteja montado até fins deste mês. Temos ainda pendente um projecto, na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, para a remodelação de linhas, que esperamos seja considerado dentro de pouco tempo.

A Câmara deseja baratear o preço da energia eléctrica

— Quando pode a Câmara estabelecer o sistema de escalões na energia eléctrica vendida ao público? — interrogamos.

— O sr. eng. Silva Júnior, consultor-técnico desta Câmara, está procedendo ao respectivo estudo e não haja dúvida que nós gostaríamos de poder dar uma satisfação ao público consumidor, porque concordamos em que o preço da energia é elevado.

— Que se passa quanto à regularização do imposto de trabalho?

— A Câmara tem estado a recolher elementos actualizados no sentido de poder cobrar esse imposto, baseado em dados mais concretos, e vai também activar a cobrança dos casos que se encontram em atraso.

— E, para terminar, o que se passa quanto a escolas?

— Iniciaram-se os trabalhos de construção de um edifício escolar com duas salas no sítio do Alportel, porque as actuais instalações já estão num estado que não se pode considerar aceitável. Construiu-se e já entrou em funcionamento o edifício escolar do sítio dos Parizes. Há dois anos que a Câmara está pagando renda de um edifício adaptado a escola e equipado com material didáctico no sítio de Javali; porém, não tem havido actividade escolar, mas confiamos que na próxima época esse sítio terá ensino.

E aqui terminou a entrevista, que nos deixou a certeza de que S. Brás de Alportel encontrou aquela equipa que a pode fazer singrar, uma vez que está familiarizada com o «barco» que governa e que, à semelhança da Nau Catrineta, depois de atravessar a tempestade encontrou finalmente o porto de abrigo onde pode ser reparado para alcançar o mar do progresso. — Dario N. N. Pereira

GANHE MAIS DINHEIRO NAS SUAS COLHEITAS

UTILIZE O SULFATO DE AMÓNIO



QUE SENDO BEM RETIDO NO SOLO, NÃO É ARRASTADO POR LAVAGEM E, NITRIFICANDO-SE GRADUALMENTE, FORNECE ÀS PLANTAS UMA ALIMENTAÇÃO AZOTADA PERMANENTE.



ALUGUER DE AUTOMÓVEIS SEM CONDUTOR

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

STAND DE VENDAS

OFICINAS

COMAL Av. Álvares Cabral, 45-B — LISBOA

— Telef. 688525 - 680160 —

Mirante

Orgulho

É UM grande defeito, o orgulho. Vem de longa data, a afirmação. Não a contestamos. Não poderíamos contestá-la. Por vários motivos. Mas, em especial, por este: — é que somos dos que não sabem ser orgulhosos. Nem pretendem sê-lo.

O orgulho de agora, é outro. É pertença da terra. É pertença de seus filhos. É orgulho para Vila Real de Santo António.

Soubemos, na passada semana, que a Vila Pombalina figura em primeiro lugar. Figura no primeiro lugar na lista de leitores da benemérita biblioteca itinerante que a Fundação Calouste Gulbenkian houve por bem fundar no Algarve. Mais claramente: centralizar em Tavira.

(Além desta, essa Fundação tem duas outras bibliotecas itinerantes na nossa Província, domiciliadas em Loulé e Lagos).

Mas, tamos dizendo do orgulho que a vila fronteiriça pode ter deste facto: figurar à cabeça da lista de leitores de uma biblioteca pública! Não se deve esquecer que nesta lista há terras como Olhão e Tavira, entre outras importantes! Para quem se não interessa por coisas do espírito, isto não tem importância. Mas para os outros, para alguns outros que se dedicam a estas coisas, tal facto é consolador. Pelo menos revela a vontade de leitura que agora tem possibilidade de ser satisfeita. E tal vontade por certo que existia. Existia, insatisfeita, faminto o espírito, no obscurecimento, o cérebro. Mas veio a dádiva maravilhosa da leitura sem dispêndio material. E a afluência deu-se. Deu-se e, o que é ainda melhor, mantém-se! Amplia-se, ficaria dito com mais justiça. Felizmente. Felizmente que assim é. Para nossa satisfação. E para orgulho da terra. Para orgulho da terra «que tais filhos tem».

Biblioteca municipal

SABEMOS que estão em curso as obras numa dependência situada num prédio em pleno coração da vila fronteiriça: na Praça Marquês de Pombal.

Segundo nos tem sido dado observar, achamos pequena a sala destinada à biblioteca municipal. É um facto que ela deve comportar alguns milhares de livros.

Mas também é verdade que não se deve olhar apenas ao presente. Para já, serve. Isto não invalida o que apontamos como «insuficiência».

O incentivo dado pelo exemplo posto à prova através da biblioteca itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian tem, assim, um segundo belo fruto! É, cremos, especialmente pela ajuda geral que esta Fundação presta que se vai verificar a tão desejada biblioteca municipal.

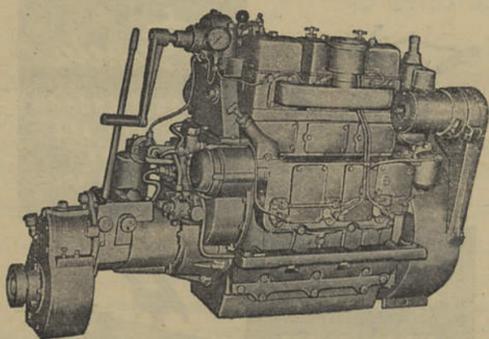
Esperemos, com a confiança de sempre, que a sua inauguração seja grata realidade, dentro de pouco tempo.

António do Rio

VENDE-SE

Casa com 7 divisões, no sítio do Matadouro (Vila Real de Santo António). Nesta Redacção se informa.

MOTORES DIESEL MARÍTIMOS «MARNA»



DE 12, 24 E 36 H. P.

- Os motores de maior venda na Noruega
- Alta qualidade e grande economia
- Camisas substituíveis
- Refrigeração por água doce
- Simplicidade e longa duração

Entregas imediatas, em exposição nos Representantes exclusivos:

MOTODIESEL, LIMITADA

Rua de S. Paulo, 242-244 — LISBOA

TELEFONES 23938-33938

CHÁS MEDICINAIS «HERBIS»

Marca Reg. N.º 78-688

USADOS NA ALEMANHA HÁ MAIS DE 50 ANOS

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 4 Azia e má digestão	HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula
HERBIS N.º 2 Regularizador da circulação	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal
HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue	HERBIS N.º 6 Nervos e insónias	HERBIS N.º 10 Tónico do coração
	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga	HERBIS N.º 11 Laxativo suave

Preparados segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

«O crime de Aldeia Velha» EM FARO

Conclusão da 1.ª página

car a presença algarvia, figura apenas o grupo de teatro do Círculo Cultural do Algarve, que com uma louvável persistência e superior orientação tem vindo a trabalhar em ritmo certo. A este agrupamento foram atribuídos no anterior concurso os prémios Ferreira da Silva e António Pinheiro, numa demonstração do seu autêntico valor, que o público de Lisboa e de Faro, apreciou e aplaudiu com entusiasmo no Teatro da Trindade, à apresentação da tragédia «Castro».

Na sexta-feira à noite, em Faro, teremos ensejo de ver representada a peça de Bernardo Santareno «O crime de Aldeia Velha». O nome do autor — figura destacada da nossa literatura teatral — indica claramente a projecção da obra escolhida, dum neo-realismo flagrante, dum autenticidade completa, pois o tema desenvolve-se à volta dum notícia publicada no «Primeiro de Janeiro», de 24 de Maio de 1934, assinada por um enviado especial daquele diário a Marco de Canaveses, onde se registou um caso que, volvidos anos, ainda conserva a maior actualidade e mantém vivo o interesse do espectador durante toda a peça. Na realidade, Bernardo Santareno, escritor válido, que em três anos (com início em 1957) enriqueceu a dramaturgia nacional com as peças «A promessa», «A bailarina», «A escomulgada», «O lugre», «O crime de Aldeia Velha» e «O édipo de Alfama», consegue emocionar o espectador e integrá-lo na pesquisa dum solução subjectiva.

Tudo se conjuga, pois, para que a participação do grupo de teatro do Círculo seja de molde a manter e firmar a sua posição neste autêntico certame nacional. No desempenho intervmem como principais figuras nove elementos femininos e quatro masculinos. A encenação é do sr. dr. Emilio Campos Coroa, grande entusiasta da arte cénica. As maquetas dos cenários são da autoria de Matos, com execução de Júlio Piloto.

Depois de «Ratos e homens», de John Steinbeck, que em Maio último o grupo apresentou no Cinema Santo António, da capital algarvia, aguarda-se que em «O crime de

Aldeia Velha» se verifique a encenação e o desempenho que têm sido característicos do grupo de teatro do Círculo Cultural do Algarve, e que possibilitem a sua presença na final deste II Concurso de Arte Dramática.

A marcação dos bilhetes para este espectáculo, pode fazer-se todas as noites no Círculo Cultural do Algarve.

João Leal

INCERTEZA nos mercados da amêndoa

Conclusão da 1.ª página

no cais, e 407 sh. 6 d.-415 sh., respectivamente. A produção na Itália deve atingir o montante de 16-20 mil ton., que com as 15-16 mil ton. que sobram de 1959, deve somar 30.000 ton. As Prima Baris e as P. G. estão a 412 sh. 6 d. por cwt. no cais. A colheita marroquina deve ser de 4.500 ton., ligeiramente inferior à do ano passado; os preços nominais da amêndoa de Marrocos andam à volta de 360 sh. por cwt., C. e F. A produção no Irão deve totalizar este ano 8.000 ton. apenas contra 10.000 ton. nos últimos anos; a amêndoa persa é na sua quase totalidade exportada para o Oriente onde tem um bom mercado. A colheita em Portugal — pensa-se em Londres — deve ser este ano muito pequena, 2.500 ton. apenas contra 4.500 em 1959. Os importadores ingleses vêem poucas possibilidades de comércio com os produtores portugueses pois são poucas as notícias sobre a amêndoa portuguesa. A produção da amêndoa em casa da Califórnia deve ser de 27.500 ton. curtas. Como a amêndoa americana está actualmente muito cara, é natural que pouca amêndoa desta origem seja importada no Reino Unido este ano.

No mercado belga verifica-se que há grande firmeza nos preços em todos os mercados produtores, provavelmente devido à incerteza sobre os resultados da nova colheita. O nível dos preços favorece nitidamente a Itália, mas no conjunto o mercado regista poucas transacções (colheita 1959): PG correntes, frs. b. 49/kg. C. e F. Antúrpia; Faro, correntes, frs. b. 51/kg. idem. A Itália oferece já para a colheita de 1960 o preço de fr. b. 52/kg. Não houve ainda ofertas de Portugal, mas os observadores situam-nas a cerca de 54 frs. b./kg. Em Catânia (Sicília), o mercado está calmo para a amêndoa. Cotações PG descascadas, lit. 567 o kg.; idem «telata» no cais, lit. 561; amêndoa «tutto cuore», lit. 665 o kg.; amêndoa quebrada, lit. 510 o kg.; ávola gêmea, lit. 570.

ESCOTISMO

A FIM de colaborar na assistência aos oficiais e marinheiros dos navios de guerra que estacionaram em Lagos por motivo das comemorações henriquinas, permaneceu no sábado e domingo últimos naquela cidade um contingente de 50 escoteiros algarvios da Associação dos Escoteiros de Portugal, os quais também estiveram presentes nas cerimónias ali realizadas em honra dos Chefes de Estado portugueses e brasileiro.

Encontram-se no Acampamento Internacional Infante D. Henrique, em Lisboa, os seguintes escoteiros de grupos algarvios da Associação dos Escoteiros de Portugal: Manuel da Encarnação Sousa e Silva e Francisco António Costa Viegas, do Grupo N.º 6, de Olhão; António Maria Bagarrão Vieira e Francisco Frederico Bento Vieira, do Grupo N.º 59, de Tavira; António Alfredo Guerreiro, José Augusto Silva Nascimento e Manuel Joaquim Neto Gomes, do Grupo N.º 60, de Vila Real de Santo António; e Luís José dos Santos Guerreiro, do Grupo N.º 77, de Faro.

MERCEARIA

Em Faro, bem situada e com boa clientela, trespassa-se em virtude do proprietário não poder continuar a sua exploração.

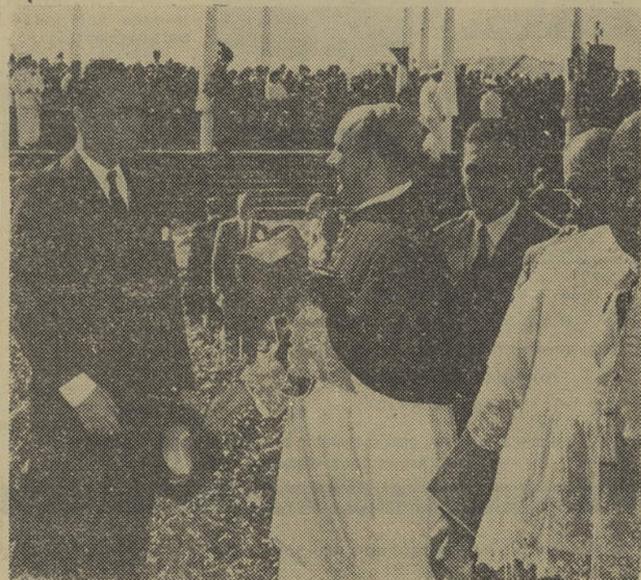
Resposta a este jornal, ao 1021.

SAGRES

onde a terra acaba e o mar começa...

Conclusão da 1.ª página

Juscelino Kubitschek, o grande democrata, o homem superiormente simples que tendo conquistado a admiração e a estima do seu povo, ganhou a simpatia dos portugueses e levou no seu coração para os nossos irmãos da outra banda do Atlântico o calor do afecto de um povo que tendo envelhecido no tempo, é sempre actual e vibrante nas suas exteriorizações de amizade por aqueles que, como o Presidente da República do Brasil, a merecem.



O Presidente da República do Brasil conversando com o prelado da diocese algarvia, após o acto inaugural do padrão em Sagres

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

Casa de Crédito Popular TAVIRA

EMPRÉSTIMOS SOBRE PENHORES

A Agência da Casa de Crédito Popular, em Tavira, faz empréstimos sobre ouro, pratas, jóias, cabeças de máquina de costura, máquinas fotográficas, máquinas de escrever, ferros eléctricos de engomar e outros objectos que ofereçam garantia.

Todas as operações são feitas na própria Agência da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, em Tavira.

ABASTECEDORES & CONSUMIDORES

OS LETREIROS DE PREÇOS

QUEM percorrer o Algarve, verificará facilmente que, na generalidade dos seus estabelecimentos comerciais e mesmo em bastantes lugares de venda das suas praças (mercados municipais), faltam sempre, total ou quase totalmente, os letreiros ou etiquetas indicativas dos preços das mercadorias expostas para venda. Aliás, o facto não é exclusivo do Algarve e verifica-se também em muitas outras regiões deste País (e mesmo na sua capital...), onde os comerciantes desde sempre se têm mostrado relutantes em indicar os preços dos artigos que apresentam ao público; ao contrário do que acontece em países como a Inglaterra, a Suécia, a Bélgica e a Suíça, por exemplo, em que o comércio de todas as especialidades marca sempre, por forma bem visível e clara, os preços das mercadorias, fazendo-o até espontaneamente e sem qualquer coacção legal ou de outra natureza.

Para a não marcação dos preços dos artigos expostos, apresentam geralmente os comerciantes algarvios as mais variadas e por vezes bem absurdas razões; mas, nunca confessam, evidentemente, que a falta de etiquetas ou letreiros indicativos dos preços exactos lhes facilita a especulação na venda dos seus artigos, pois não só torna mais difícil o controle dos preços na realidade praticados, por parte dos agentes fiscalizadores competentes, como principalmente permite que o vendedor varie de preço com a cara, o interesse demonstrado ou as conhecidas possibilidades económicas do comprador. E menos confessam que tal falta lhes permite, ainda, o recurso artificioso ao desconto por favor, sempre aliciador de clientes, mas na realidade fictício, pois fazem-no incidir sobre preços estabelecidos expressamente para esse fim e muito acima dos razoáveis e legais; o que, além de bem definido crime de especulação, constitui também fraude de outra

natureza, prevista no Código Penal, e mesmo concorrência desleal aos seus colegas mais honestos, esta igualmente punida por lei, embora no foro privativo da organização corporativa.

Entre as razões com mais frequência alegadas pelo comércio algarvio está, porém, a de que a afixação de etiquetas ou letreiros de preços deixou de ser obrigatória, isto é, já não é imposta por lei; e essa alegação, sendo, mais do que qualquer outra, falha de fundamento sério, é que nos ditou a presente nota, esclarecedora dos abastecedores porventura mal informados sobre o assunto, e elucidativa dos consumidores, que não queiram deixar-se enganar por alguns dos seus fornecedores menos escrupulosos.

Foi o decreto-lei n.º 35.809, de 16 de Agosto de 1946, pelo seu artigo 3.º, que considerou transgressão, punida com multa, a falta de afixação de etiquetas ou letreiros indicativos dos preços, nos artigos expostos à venda, quando tal afixação fosse determinada por organismo ou entidade competente; e foi, depois, o despacho do intendente-geral dos Abastecimentos, publicado no «Diário do Governo» de 13 de Janeiro de 1947, o principal ou fundamental diploma que, em harmonia com aquele decreto-lei, determinou e regulou tal afixação, visto referir-se à generalidade dos estabelecimentos comerciais, e muito embora outros diplomas posteriores, viessem a definir também a mesma obrigatoriedade para alguns estabelecimentos de especial, como por exemplo o decreto n.º 58.061, de 21 de Novembro de 1950, que se refere aos lugares de venda de fruta, a portaria n.º 13.303, de 23 de Setembro do mesmo ano, que respeita aos lugares de venda de peixe, etc., etc. Ora, o artigo 5.º do decreto-lei n.º 35.809, acima citado, foi realmente, e mais tarde, revogado pelo artigo n.º 54 do decreto-lei n.º 41.204, de 24 de

Julho de 1957; mas, acontece que este último diploma, simultaneamente com tal revogação, volta a considerar, pelo seu artigo 28.º, como transgressão punida com multa (embora esta de muito menor quantidade) a falta de afixação de etiquetas e letreiros indicativos de preços, exactamente nas mesmas condições e circunstâncias previstas nas disposições legais revogadas, por isso se considerando também ainda em vigor o próprio despacho do intendente-geral dos Abastecimentos, de 13 de Janeiro de 1947.

Nestas condições, e bem ao contrário do que alegam alguns comerciantes algarvios, continua a ser obrigatória a afixação das etiquetas ou letreiros indicativos dos preços dos artigos à venda; e a sua falta, nos termos do referido artigo 28.º do decreto-lei n.º 41.204, é punida com multa de 200\$00 a 500\$00. A sua falta total, ou apenas parcial, e ainda a transgressão de outras disposições regulamentares do mesmo despacho, referentes às dimensões das etiquetas, localização dos artigos a marcar, etc., de que muito frequentemente se esquecem mesmo aqueles comerciantes em cujos estabelecimentos se procura cumprir o preceito legal, são assunto que trataremos aqui, noutra oportunidade.

Assim, as traineiras são em demasia para a sardinha que consegue atingir a faixa marítima ao longo da costa, em que essa pesca é normalmente exercida por essas embarcações, aliás de grande rendimento piscatório.

Atento e ponderado o exposto, está-se a exercer em condições desvantajosas a pesca da sardinha realizada com traineiras, como em más condições se está a pescar o atum com armações fixas. E que, segundo a nossa maneira de ver, o exercício de pesca da sardinha não se deverá limitar actualmente apenas à faixa costeira, por insuficientíssima para o efeito; deve ir bastante para além dela, se de facto esse exercício piscatório quer sobreviver. E para que ele possa continuar com vida próspera, como se pretende, terão que reformar-se os meios materiais postos ao seu serviço, mas de forma diferente das alterações impostas para os sistemas «clássicos» relativos à pesca do atum com armações fixas.

No caso da pesca da sardinha, os meios materiais actualmente em uso, apenas se adequam às necessidades do escasso exercício da pesca costeira, e não ao que se torna imperioso para a pesca dessa espécie no alto mar, isto é, por fora da zona costeira, sempre que ela não apareça nesta zona; e, assim, parece-nos fácil a idealização e construção de barcos especiais, para o exercício dessa pesca, dispondo de porões frigoríficos e aparelhos de pesca muito mais ligeiros (o «nylon» e o plástico permitem talvez executá-los, nas condições requeridas) e que permitam lançamentos e cercos rápidos e eficazes ao peixe, em qualquer local do mar em que, próximo da superfície, apareça a sardinha.

Portanto, deveriam construir-se futuramente barcos especiais e velozes, com redes adequadas para a pesca da sardinha no alto mar e para a sua conveniente acomodação a bordo, e que disponham de porões frigoríficos para conservar a pescaria colhida durante alguns dias em perfeito estado de frescura. E só assim se poderá resolver a crise da pesca da sardinha.

E problema que tentamos apresentar de futuro com as necessárias soluções, nas colunas deste semanário, por supormos mal orientadas também, e presentemente, as coisas relativas à pesca da sardinha.

O. Pacheco

des malhas daquele obstáculo; e, mal as várias centenas de traineiras têm conhecimento do facto, caem como gaiotas nos locais em que ela acidentalmente apareceu, despoando-os de tal espécie, de seguida, e por completo, os quais assim permanecem durante bastante tempo, forçando a crises piscatórias, com o seu cortejo de maléficis efeitos.

Assim, as traineiras são em demasia para a sardinha que consegue atingir a faixa marítima ao longo da costa, em que essa pesca é normalmente exercida por essas embarcações, aliás de grande rendimento piscatório.

Atento e ponderado o exposto, está-se a exercer em condições desvantajosas a pesca da sardinha realizada com traineiras, como em más condições se está a pescar o atum com armações fixas. E que, segundo a nossa maneira de ver, o exercício de pesca da sardinha não se deverá limitar actualmente apenas à faixa costeira, por insuficientíssima para o efeito; deve ir bastante para além dela, se de facto esse exercício piscatório quer sobreviver. E para que ele possa continuar com vida próspera, como se pretende, terão que reformar-se os meios materiais postos ao seu serviço, mas de forma diferente das alterações impostas para os sistemas «clássicos» relativos à pesca do atum com armações fixas.

No caso da pesca da sardinha, os meios materiais actualmente em uso, apenas se adequam às necessidades do escasso exercício da pesca costeira, e não ao que se torna imperioso para a pesca dessa espécie no alto mar, isto é, por fora da zona costeira, sempre que ela não apareça nesta zona; e, assim, parece-nos fácil a idealização e construção de barcos especiais, para o exercício dessa pesca, dispondo de porões frigoríficos e aparelhos de pesca muito mais ligeiros (o «nylon» e o plástico permitem talvez executá-los, nas condições requeridas) e que permitam lançamentos e cercos rápidos e eficazes ao peixe, em qualquer local do mar em que, próximo da superfície, apareça a sardinha.

Portanto, deveriam construir-se futuramente barcos especiais e velozes, com redes adequadas para a pesca da sardinha no alto mar e para a sua conveniente acomodação a bordo, e que disponham de porões frigoríficos para conservar a pescaria colhida durante alguns dias em perfeito estado de frescura. E só assim se poderá resolver a crise da pesca da sardinha.

E problema que tentamos apresentar de futuro com as necessárias soluções, nas colunas deste semanário, por supormos mal orientadas também, e presentemente, as coisas relativas à pesca da sardinha.

Pelo que toca ao exercício da pesca do carapau, o problema também se poderá encarar de forma a melhorar o estado de coisas que lhe respecta, para o que se torna necessário levar a efeito um estudo profundo feito nesse sentido, do qual emergirão normas reguladoras para esse exercício dos pobres pescadores, as quais postas em execução, deverão reverter certamente eficientes ao fim em vista.

Como vê, sr. mandador Costa, as coisas relativas à pesca da sardinha e do carapau também não andam devidamente orientadas... e, infelizmente, desde há muito; e, assim, nem só a captura do atum enferma desse mal. Contentem-se, pois, porque está em boa companhia...

Como vê, sr. mandador Costa, as coisas relativas à pesca da sardinha e do carapau também não andam devidamente orientadas... e, infelizmente, desde há muito; e, assim, nem só a captura do atum enferma desse mal. Contentem-se, pois, porque está em boa companhia...

Como vê, sr. mandador Costa, as coisas relativas à pesca da sardinha e do carapau também não andam devidamente orientadas... e, infelizmente, desde há muito; e, assim, nem só a captura do atum enferma desse mal. Contentem-se, pois, porque está em boa companhia...

Como vê, sr. mandador Costa, as coisas relativas à pesca da sardinha e do carapau também não andam devidamente orientadas... e, infelizmente, desde há muito; e, assim, nem só a captura do atum enferma desse mal. Contentem-se, pois, porque está em boa companhia...

Como vê, sr. mandador Costa, as coisas relativas à pesca da sardinha e do carapau também não andam devidamente orientadas... e, infelizmente, desde há muito; e, assim, nem só a captura do atum enferma desse mal. Contentem-se, pois, porque está em boa companhia...

Como vê, sr. mandador Costa, as coisas relativas à pesca da sardinha e do carapau também não andam devidamente orientadas... e, infelizmente, desde há muito; e, assim, nem só a captura do atum enferma desse mal. Contentem-se, pois, porque está em boa companhia...

Como vê, sr. mandador Costa, as coisas relativas à pesca da sardinha e do carapau também não andam devidamente orientadas... e, infelizmente, desde há muito; e, assim, nem só a captura do atum enferma desse mal. Contentem-se, pois, porque está em boa companhia...

Como vê, sr. mandador Costa, as coisas relativas à pesca da sardinha e do carapau também não andam devidamente orientadas... e, infelizmente, desde há muito; e, assim, nem só a captura do atum enferma desse mal. Contentem-se, pois, porque está em boa companhia...

Como vê, sr. mandador Costa, as coisas relativas à pesca da sardinha e do carapau também não andam devidamente orientadas... e, infelizmente, desde há muito; e, assim, nem só a captura do atum enferma desse mal. Contentem-se, pois, porque está em boa companhia...

Como vê, sr. mandador Costa, as coisas relativas à pesca da sardinha e do carapau também não andam devidamente orientadas... e, infelizmente, desde há muito; e, assim, nem só a captura do atum enferma desse mal. Contentem-se, pois, porque está em boa companhia...

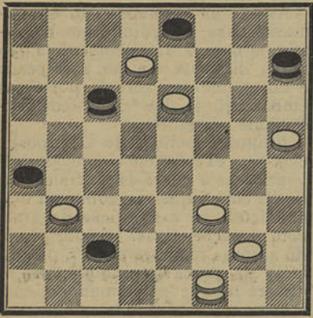
O. Pacheco

O Jornal do Algarve vende-se em Faro, na Tabacaria Farracha, rua de Santo António, 14.

Damas

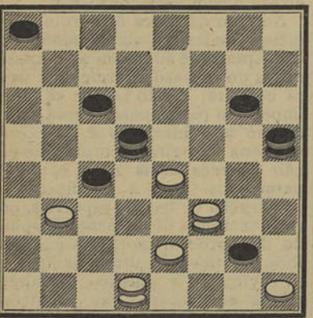
75

Coordenador: Artur de Matos Marques
Correspondência: PENHASCOSO - Beira Baixa
Proposição inédita n.º 136
por Rafael Carlos Pedrosa de Almeida - Lisboa.



Jogam as brancas e ganham
Posição: Br. (2)-5-10-12-17-22-27 - Pr. 7-16-(23)-(25)-30.

Proposição inédita n.º 137
por Rafael Carlos Pedrosa de Almeida - Lisboa.



Jogam as brancas e ganham
Posição: Br. 1-(3)-6-(10)-12-14 - Pr. 5-15-(17)-(19)-21-23-32.

SOLUÇÕES
Proposição n.º 107
2-5 e 5-10 e 1-12 e 12-15 G. Br.
Proposição n.º 108
9-13 e 11-14 e 2-20 e 4-7 e 25-29 G. Br.

QUEIMADURAS
Contra todas as queimaduras, use QUEIMAX.
Em casa, no campo ou na praia.

Curso de aperfeiçoamento de trabalhadores rurais
NO Posto Agrário de Sotavento do Algarve, em Tavira, realizou-se o exame de sete trabalhadores rurais que frequentaram um curso de aperfeiçoamento na execução de práticas fitossanitárias.

RAUL FOLQUE & FILHOS, L. DA
FÁBRICA DE CONSERVAS DE PEIXE
As conservas são produtos de ALTA QUALIDADE

HIPOTECAS
SOBRE PROPRIEDADES, EMPRESTAMOS AO JURO DA LEI EM TODO O PAIS PRAZO ILIMITADO. AMORTIZAÇÕES FACULTATIVAS. NADA COBRAMOS A TITULO DE AVALIAÇÕES. MAXIMO SIGILO
A CONFIDENTE
(LA maior organização do País)
LISBOA-Rossio, 3-2.º PORTO-R. Passos Manuel, 14

A Lavadora Automática de roupa FRIGIDAIRE não tem pás nem bate a roupa!



Anel de Expulsão: Separa e elimina automaticamente toda a espuma e sujidade. Não recircula água suja.
Anel de Circulação: Mantém constantemente separadas todas as peças de roupa para que a lavagem seja feita em todos os pontos.
Anel Motor: Provoca as potentes correntes de água, em circulação activada, que atravessam os tecidos em todos os seus poros e sem provocarem o mínimo desgaste.

Lava e passa por água limpa 4 Kg. de roupa em menos de meia hora, deixando-a apenas húmida, quase pronta a passar a ferro!
Um ano de garantia para o aparelho completo e garantia adicional de 4 anos para o mecanismo de pulsação/rotação

UM PRODUTO GENERAL MOTORS • Concessionários nas principais cidades do País

Concessionário no distrito de Faro para venda e assistência técnica

FARAUTO Limitada
FARO PORTIMÃO
Telef. 248 • DISCOS - RÁDIO - TELEVISÃO • Telef. 516

TRIBUNAL JUDICIAL
Comarca de Vila Real de Santo António
Anúncio
2.ª publicação
Faz-se saber que por sentença de 30 de Julho findo, foi declarada em estado de falência Maria Gomes Pereira, viúva, comerciante, residente nesta vila, com estabelecimento de casa de pasto na Rua D. Pedro V, n.º 69, que, comercialmente, usava a firma de V.ª de Carlos Gagó da Silva, tendo sido fixado o prazo de quinze dias, a contar da primeira publicação do presente anúncio, para os credores reclamarem os seus créditos.

Vila Real de Santo António, 1 de Agosto de 1960.
O Chefe da Secção,
(a) Vitor Carlos Pontes Vilão
Verifiquei:
O Juiz de Direito, 1.º Substituto,
(a) José X. da Silva Cavaco

TINTAS «EXCELSIOR»

Os C. T. T. no Algarve
A título transitório, foi nomeado servente e colocado na secretária da CCE do Algarve, em Faro, o sr. Jorge do Rosário Cabrita.
— A seu pedido, foi transferida do núcleo de reserva de Faro para a CCE da Estremadura (Lisboa), a operadora de reserva sr.ª D. Maria Guerreiro Coelho.
— Também a seu pedido, foi transferido da CTF de Monchique para a ECC de Lisboa, o sr. Henrique da Conceição Dias de Oliveira, operador de reserva.
— Foi exonerado do lugar de boletineiro da CTF de Portimão, o sr. José Humberto Oliveira Nunes.
— Foi colocado na secretária da CCE de Faro, o sr. Eduardo Rosa dos Santos.

VENDE-SE
Uma horta, com casas, no sítio das Hortas, próximo de Vila Real de Santo António.
Dão-se informações na Redacção deste jornal.

CADEIRAS ARTICULADAS
Para praia, campo, cafés, esplanadas, sociedades de recreio, circos, etc.
Mod 1
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Av. da República, 118 a 120
Vila Real de Santo António

O Jornal do Algarve
está à venda nos seguintes locais:
Lagos — Papelaria Paula, Praça Luís de Camões.
Olhão — Tabacaria Moderna, Avenida da República, 46.
Silves — Livraria e Papelaria Serrano, Rua João de Deus.

RECLAME — se tem razão!

DE prezados assinantes do Jornal do Algarve, recebemos as seguintes reclamações:

De Vila Real de Santo António
Transporte de pão—«Como assinante do Jornal do Algarve, e tendo visto, quase diariamente, a maneira imprópria como transportam o pão, nas ruas, peço que chamassem a atenção de quem de direito para que tal vergonha seja eliminada. Também peço para que os vossos redactores procurem ver com seus próprios olhos, a fim de escreverem sobre este importante assunto.»

Praia da Ponta de Santo António—«Há necessidade de uma placa de sinalização na bifurcação da estrada do Farol para a praia de Vila Real de Santo António. O forasteiro que passa vindo ou indo para Monte Gordo, nem sequer fica a saber da existência de um local bonito como é o da Ponta de Santo António. Haverá quem possa providenciar para a rápida colocação de tal placa?»

De Castro Marim
A Rua de Santo António, em Castro Marim, carece de urgente reparação. Há cerca de 50 anos que a mesma não é reparada — com excepção de algumas carradas de areia dos barrancos, sobre ela espalhadas, quando havia procissão de ou para a igreja de Santo António.

Os moradores dessa rua queixam-se por quase não poderem transitar nela.
Estamos certos que, quem de direito, fará por atender tão justo pedido.

De Monte Gordo
Um veraneante, em Monte Gordo, nosso amigo, escreveu-nos. Dis-nos ter vindo passar as férias a esta bela praia. Mas verificou certas coisas dignas de reparo. Entre elas: — casas a ruir, paredes deitadas abaixo, montes de entulho, tudo misturado com poeira e areia suja, mesmo por detrás da igreja!

— o estado deplorável do caminho até à esplanada-cinema Marianí, bastante movimentado durante o Verão. Tanto para os peões, como para os carros, que chegam a ficar «atolados» na negra areia do local, é um autêntico suplício.
Há, pela certa, quem possa e deva eliminar a razão destes e de outros queixumes. Pedimos, por isso, que sejam tomadas providências urgentes, para bem da reputação da praia de Monte Gordo.

Do Parque Campista — «Lector e assinante desde o primeiro número do vosso apreciado Jornal do Algarve, quero chamar a atenção para o mal que representa o desvio da estrada para o Parque Campista estar ainda coberto de barro. Cada carro que por ali passa, deixa, já se sabe, uma compacta nuvem de poeira. Quando o vento está do lado favorável, vá que não vá... Mas quando está de empurrar a poeirada para o local das tendas, é uma verdadeira lástima. Haverá remédio para isto? Estou certo que sim.»

Da praia — Um outro nosso assinante, «doído pela praia de Monte Gordo», segundo nos confessa, manifesta a sua estranheza por, até agora, não ter sido colocada no devido lugar, a prancha. Segundo nos diz, sabe que foi remodelada e beneficiada. Mas a época balnear está no auge. E a prancha é uma necessidade para os nadadores e entusiastas do mar.
Aqui fica manifestado o seu desejo: que possa, quem puder, remediar este assunto, mandando colocar na praia de Monte Gordo a prancha.

De S. Marcos da Serra
Não faz sentido que a terceira freguesia do concelho de Silves esteja privada de estradas. S. Marcos, com uma população superior a 5.000 almas, apenas pode contar com um único meio de transporte: o comboio. Mas, para ir à sede do concelho tratar de assunto importante (pagar contribuições, diz o nosso assinante) torna-se necessário levantar às três horas da madrugada, para apanhar o «correio» — só podendo regressar à noite, que é quando tem comboio para o regresso.
Quem acode aos «isolados» habitantes desta serrana localidade algarvia?

CREMASE
PÓ ESTOMACAL
DAR-LHE-Á ALÍVIO IMEDIATO NOS CASOS DE:
AZIA, ENFARTAMENTO, DISPEPSIA E EM GERAL NAS DOENÇAS DO ESTÔMAGO
À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS
Distribuidor Geral:
J. C. CRESPO
R. da Madalena, 237-1.º, Olo. LISBOA

DE LAGOS

Passaram as comemorações henriquinas em Lagos, mas muito ficou do que à sombra das mesmas se fez

QUANDO para comemorar alguém que soube ser grande como o glorioso Infante D. Henrique, se faz obra que fique a atestar essa comemoração, bem haja quem tal promove.

E Lagos foi pródiga em realizações, dadas as comemorações henriquinas. Desde a estátua do Infante, que assinala o facto, até ao restauro das muralhas, o Forte da Bandeira e a Avenida Marginal, tudo se pode considerar grande de verdade, num meio em que a iniciativa particular está longe de corresponder ao que seria para desejar.

E' certo que o que vimos em Lagos foi fora do vulgar, seja no respeitante a ornamentação ou na exibição dos ranchos folclóricos e orquestrais típica de Santarém, tudo de molde a fazer vibrar quantos sentem apego ao torrão natal.

Não é menos certo que a presença dos Chefes de Estado português e brasileiro foi honra que dificilmente seria dada a Lagos sem tais comemorações e que na baía de onde outrora partiram as caravelas para as descobertas, nem tão cedo chegarão a ver-se, em ambiente de paz, unidades navais de quase todo o Mundo.

Mas... sempre o mas. Algo faltou que contribuisse para mais: o entusiasmo dos lacobrigenses, que, muitos deles, continuam praticamente alheios ao muito que o Governo tem feito, porque faltam a unidade militar e os bairros operários, especialmente o dos pescadores, que consta estar prejudicado pela exigência de pelo menos um proprietário, o qual não hesitou em pedir 50\$000 por metro quadrado de terreno, contra o máximo de 25\$000 que a Junta Central das Casas dos Pescadores tem pago noutras localidades.

Oxalá que os proprietários dos terrenos escolhidos para bairros, saibam ser baírristas e concedam todas as facilidades possíveis para que ainda no presente ano se possa registar, no que respeita à iniciativa particular, um acto que assinala a data das comemorações henriquinas e pelo Governo da Nação seja dada uma esperança de efectivos militares em Lagos, pois assim fechariam com chave de ouro, para Lagos pelo menos, as comemorações que tanto a propósito se vêm realizando por Portugal fora.

Mais uma vez se pode considerar mal colocada a lavoura da região — Apesar de não ter prazer em apontar o que é mau, como muitos pretendem demonstrar, não posso, como associado que sou do Grémio da Lavoura local, deixar de fazer sentir quanto me é pesaroso constatar que o edifício da sede, não foi beneficiado exteriormente de harmonia com as disposições camarárias, justamente tomadas para que a cidade, num período em que tantos forasteiros a ela acorrem, mostre aspecto que não envergonhe.

Sabe-se que algumas das pessoas que presidem aos destinos do Grémio, defendem a eliminação da actual sede, que é de conservar, e a construção duma nova sede mas tal não pode servir de base para que tudo deixe de estar em condições de se mostrar a quem nos visita, e de forma a evitar que a lavoura fique mal colocada, pois estou convencido que das muitas pessoas que por aqui passaram durante as comemorações henriquinas, grande número reparou no aspecto de abandono que o edifício oferece.

Por bem fazer, bem haver; que se faça, pois, algo que cale, a bem da lavoura.
Modos de ver — Quando alguém se manifesta favorável ou desfavoravelmente sobre as pobres linhas que, através do Jornal do Algarve, tenho trazido à luz do dia, dado que a minha forma de dizer é aceite ou repudiada mais de harmonia com as conveniências pessoais ou partidárias do que propriamente com o que a boa razão aconselha, limito-me, na maior parte dos casos, a observar: «modos de ver!».

Farei bem, farei mal? Entendo que qualquer pessoa que combate uma ideia deve apresentar outra superior que domine sem descer à polémica, sempre prejudicial, e, assim, porque o Jornal do Algarve tenta elevar o nível social e intelectual de quantos prezam os interesses da colectividade, que muitos surjam a tornar público os seus modos de ver porque uma vez superiores abater-me-ão, com o que me congratularei, pois mais não pretendo que despertar para melhor.

A Imprensa bem conduzida pode dar luz e vida; que as ideias tendentes a mais luz e mais vida surjam, posto que os homens que lutam pelo bem da colectividade não devem hesitar em tornar público quanto tenda a conseguir esse objectivo.
As soluções banais de conversação em cafés nada resolvem, antes pelo contrário, prejudicam o andamento das coisas. Ser por este ou por aquele, e defender os seus pontos de vista sob um ou outro aspecto, não marca; marca sim a defesa de quanto interesse a colectividade, ainda que para tal haja que focar algo que à primeira vista seria de calar.

Joaquim de Sousa Piscarreta

ROYAL
a máquina de escrever n.º 1 do mundo

RONEO
o duplicador que economiza papel, tempo e dinheiro

Banda
o duplicador que tira até 7 cores de uma só vez

Bradma
a máquina que resolveu de vez os seus problemas de endereçamento

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
SOC. COM. LUSO-AMERICANA, LDA. LISBOA • PORTO • FARO

Lã de vidro em pasta para isolamento do som, calor e frio em:
Câmaras frigoríficas, Construção Civil, Construção Naval, Estufas, Caldeiras
E TODO O GÉNERO DE ISOLAMENTO INDUSTRIAL
Wandschneider & Cia., Lda.
Rua Cândido dos Reis, 74-2.º Telef. 50702 PORTO

NECROLOGIA

Isabel da Conceição Matias
Faleceu inesperadamente em Vila Real de Santo António, a sr.ª D. Isabel da Conceição, de 69 anos, natural de Tavira, casada com o sr. Francisco Matias.

Também faleceram:
Em PORTIMÃO — a sr.ª dr.ª Maria Joaquina Vinícia Martins de Carvalho, comercialista, de 27 anos, natural de Albufeira, casada com o sr. dr. João Florêncio Vicente de Carvalho.

— o sr. José Basílio Vieira, de 61 anos, natural de Lagos, casado com a sr.ª D. Gertrudes da Conceição Vieira Pereira. Era pai da sr.ª José Rosa Pereira e Manuel Pereira.

Em LISBOA — a sr.ª D. Maria Antonieta Júdice Nunes Barbosa Cota, de 35 anos, natural de S. Bartolomeu de Messines, que era casada com o sr. Francisco do Carmo Cota.

— o sr. Augusto da Silva Ribeiro, de 75 anos, natural de Estômbor, que deixa viúva a sr.ª D. Maria do Carmo Ribeiro. Era pai da sr.ª D. Lucinda do Carmo Ribeiro Bicho e do sr. José do Carmo Ribeiro.

— a sr.ª D. Joaquina Rosa Viegas, viúva, de 84 anos, natural de Lagos. A falecida era irmã da sr.ª D. Francisca Rosa Viegas Pega.

— a sr.ª D. Amália da Conceição, de 86 anos, viúva, natural de Albufeira, mãe das sr.ªs D. Dulce Maria Leote e D. Brites da Assunção Leote e do sr. José Joaquim.

— a sr.ª D. Maria da Assunção Santos, viúva, de 77 anos, natural de Faro. A extinta era mãe da sr.ª D. Laura Serafim dos Santos e do sr. Edmundo dos Santos, chefe da secção de publicidade do jornal «A Voz», e avó da sr.ª D. Maria Laura dos Santos Rodrigues de Sousa, casada com o sr. Manuel Abílio Rodrigues de Sousa.

— a sr.ª D. Maria do Natal Rosa Cunha, de 22 anos, natural de Monchique, casada com o sr. António José Vaz.

— a sr.ª D. Maria do Carmo Martins, de 66 anos, natural de Faro.

— o sr. António Ramos Machado, de 22 anos, funcionário da Direcção-Geral de Saúde. Era natural de Paderne e deixa viúva a sr.ª D. Maria Rosa Pereira Forte.

— o sr. João de Jesus Micano, de 68 anos, natural de Olhão.

— a sr.ª D. Maria Ana Coelho, natural de Albufeira.

As famílias enlutadas apresenta Jornal do Algarve sentidas pêsames.

Rede de esgotos das Caldas de Monchique

A Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais foi autorizada a celebrar contrato com o sr. Luis Faria Godinho para a execução da empreitada da construção da rede de esgotos das Caldas de Monchique (1.ª fase), pela importância de 546.443\$00

DESPORTOS

CICLISMO

Começa amanhã no Porto a XXIII Volta a Portugal EM BICICLETA

PARA o Porto, onde se inicia amanhã a XXIII Volta a Portugal em Bicicleta, seguiram já as equipas do Ginásio Clube de Tavira e Louletano Desportos Clube, representativas do Algarve na grande festa do ciclismo nacional.

A representação deste ano é, sem dúvida, a maior que o Algarve já apresentou na Volta a Portugal, pois constituem-na os seguintes 18 ciclistas, entre 118 inscritos:

Ginásio: Jorge Corvo, Sérgio Páscoa, Alcide Neto, João Bárbara, Virgílio Nunes, Vitor Lourenço, Rossitt Bernard, Humberto Corvo e José Pedro. Louletano: Delfim Baptista, Perna Coelho, Valério Clara, João Carlos, José Correia, António Madeira, Vitor Tenazinha e João de Deus.

As turmas algarvias, que mantiveram nos últimos tempos uma cuidada preparação e se submeteram a estágio, partiram confiantes, com o desejo e vontade de poderem continuar a manter o prestígio que o ciclismo algarvio desfruta no panorama nacional.

O Ginásio de Tavira é, também, a equipa mais numerosa da grande competição, pois conta com uma representação de 10 corredores.

No dia 25 chegará a Tavira a cavavana da Volta, terminando ali a etapa Beja-Tavira. A tarde realizar-se-á na magnífica pista do simpático clube taviense, outra etapa, constituída por 20 voltas em linha no sistema de contra-relógio, por séries.

Tavira e o Algarve receberão entusiasticamente os valorosos ciclistas da XXIII Volta a Portugal em Bicicleta e dispensarão aos seus atletas, estamos certos, carinhosas manifestações.

Otir Chagas

PADILLA MARTINEZ

orientador técnico do Lusitano

Com vista ao campeonato que se avizinha, o Lusitano iniciou já a sua preparação, tendo contratado para jogador-treinador das suas equipas o espanhol Padilla Martinez, que na época transacta alinhara como guarda-redes.

TRESPASSA-SE

Estabelecimento de merceria na rua de maior movimento de Lagos, com ou sem existência. Esplêndido para café ou outro ramo de negócio. Dão-se informações na Rua Lima Leitão, 7 e 8 — telefone 238 — Lagos.

«Jornal do Algarve»
Condições de assinatura
Continente e Ilhas
Série de 10 números. . 9\$90
> > 20 > . 19\$80
> > 50 > . 49\$50
Ultramar, Brasil e Espanha
Série de 50 números. . 50\$00
Estrangeiro
Série de 50 números. . 70\$00
(Nas remessas por avião acrescentam os respectivos portes).

VENDE-SE

Talhões de terreno para construção urbana em local autorizado no sítio das Hortas, a pouca distância de Vila Real de Santo António. Informa-se na Redacção deste jornal.

O FRADINHO DA HORTA

VEM de longe, de muito longe, na bruma espessa de um passado remoto, a lendária figura do «Fradinho da Horta».

Quem sabe até se ele alguma vez existiu, mas quer tivesse existido quer não, não deixa de causar certo temor e respeito nos desprezidos caminheiros que altas horas da noite têm de meter pés a caminho, e é sempre com uma olhadela furtiva e de receio que passam na estrada, não vá ele aparecer como é seu velho hábito escarranchado em cima do valado.

Corria o ano da graça de... da era de Nosso Senhor Jesus Cristo, e as hostes guerreiras dos primeiros reis de Portugal em correrias constantes, lançavam o pânico nos territórios ainda sob o domínio dos serracenos.

Santarém, Lisboa, Alcácer, Silves, já haviam caído em poder dos cristãos e o reino de Portugal já estendia as suas fronteiras pelo Algarve.

D. Fuas, almirante das galés de D. Afonso Henriques, deixara o costume de fazer incursões pela costa e ir a pouco e pouco desbratando as frotas mouros e atacando as povoações ribeirinhas.

Numa das várias incursões, por sinal mal sucedida, ficou cativo entre outros prisioneiros, um frade de certa ordem, que não sendo totalmente devoto, ainda se deixava prender pela trama dos encantos terrenos.

Jovem e esbelto, esse frade cativo, teve a desdita de se apaixonar pela filha de um notável mouro, paixão que, ao que parece, embora as crónicas sejam omíssas a tal respeito, era correspondida pela bela agarena, de pele mate e olhos escuros como a noite, brilhantes como dois carbões em brasa.

Um grande amor nasceu entre os dois jovens, o cristão e a bela filha de Agar.

No entanto a guerra, com todos os seus horrores, era cada vez mais intensa em todo o ardente Algarve.

Ante as hostes cristãs vencedoras, os exércitos serracenos iam recuando, recuando, até serem forçados a abandonar a terra portuguesa.

Em vão os reis mouros de Córdoba e Granada procuravam auxiliar os seus irmãos de raça. Uma força misteriosa parecia insuflar alento aos guerreiros cristãos, na cruzada de libertação do solo peninsular.

Até que um dia, o fradinho, que trocara os seus deveres de cristão pelos lindos olhos daquela infiel, sentiu-se arrependido da sua fraqueza humana e procurou remir o seu pecado.

Zuleima, chama os magos da corte os quais, apercebendo-se do que se passa na alma do cativo, assim o comunicam à sua senhora.

A hora do exílio aproxima-se, a fuga para o Norte de África torna-se uma necessidade e então para que se não perca do seu bem amado, os magos, a pedido da formosa princesa, resolvem encantar o fradinho.

Eis a razão porque ele espera resignado, umas vezes com a figura de um «frade da horta», outra vestindo os seus antigos hábitos, escarranchado em cima de um valado, que o seu encanto termine e seja restituído aos braços da formosa Zuleima, a linda princesa agarena por amor de quem esqueceu os seus deveres de cristão, e tem penado através os séculos, o seu triste fadário.

Zé Valente

(Da tradição oral de Castro Marim)

Postais da minha infância

DESPEDIDA CHOCANTE

por Diamantino Piloto

AGOSTO. Campo ou praia, tanto se me dava. Saf de merenda arranjada e fui, sem mesmo saber porquê, para os lados do cais.

Das três ilhas que vão receber o Atlântico, na frente de Olhão, as mais concorridas pelos banhistas eram, nesse tempo, a do Coco e a Culatra.

Olhava eu às largadas dos barquinhos cheios de gente e alguém me grita dum lancha se quero ir passear à Culatra. Era um marítimo meu amigo, o Valida.

Sempre que o encontrava, abria-me um bondoso sorriso e dava-me um grande salvamento.

Saltei de barco em barco até à lancha. O Valida desenvergava a vela.

— Haja saúde!

— Boa tardinha!

A Culatra é a mais distante das ilhas. De Olhão lá, é demorado.

Mas se a maré tapar os areais, corta-se a direita e a coisa é rápida. Conhecendo-me de há muitos anos, o Valida, mais velho que eu, nunca me tratou por tu. São bem educados os bons marítimos desta terra! Nunca perdem o ensejo de serem prestáveis.

— Tenha paciência! É preciso esperar por duas criaturas. Tenho de levá-las também.

Não esperei muito. Daí a nada as pessoas: Dois homens, dos quais eu conhecia um de vista.

Breve, a lancha começou a cortar a água na esteira dos botes e lanchas ceias de moços e moças que estuantes de vida e de alegria cantavam e gritavam.

A primeira bóia da fundura, apesar das tais duas criaturas vestirem fatos leves, notei que as indumentárias eram solenes de mais para quem vai uma tarde estender-se na areia. Mais adiante, outro reparo: os cestos da comida, já embarcados quando eu saltei, tinham exagerados mantimentos para um dia.

Como há quem não condicione roupas a situações, despreocupei-me.

A Culatra foi-se aproximando e o formigueiro a divertir-se absorveu-me a tal ponto que só dei por mim quando a quilha rasgou a areia e rangendo deixou de vez o barco em seco.

O Valida saltou. Depois, transpôs-nos às costas para lá dos limos verdes e da ceiba que a maré anterior deixara na praia.

Afastei-me para uma dunazinha onde, sossegado, mastigasse a minha merenda. Não foi isso fácil pois o meu amigo insistia em que eu ficasse ali com eles os três. Mas antes, naturalmente contando com o regresso assegurado, perguntei a hora da partida.

— Lá para a tardinha — disse o Valida, sem me olhar.

Não fosse perder o barco, instalei-me perto. Os banhistas ginasticavam-se antes de entrar na água; tóldos sombreavam grupos a comer e a beber; correrias, saltos, bolas no ar, espuma; enfim, tudo o que uma praia tem ao domingo me distraiu.

À medida da tarde, saboreando a merenda, olhei ao lugar onde deixara os companheiros. Fiquei sobresaltado. Com certeza o Valida não me deixaria em terra, pensei.

Pois não. A lancha estava mais longe, na frente das ruínas duma velha casa de alvenaria roída aos poucos pelas marés vivas, onde uma sobrevivente e grande parede branca punha apeteçível sombra.

Levantei-me e fui para lá. E, a andar, a andar, pensei:

— Que raio! Nunca vi em terra o Valida com aqueles dois homens!

Cheguei:

— Então Valida, quando partimos?

Olhos à areia: — Mais um bocadinho só!

O Sol começou a esconder-se e já muito pessoal se acomodava nos barcos para o regresso. A maré ia enchendo e viam-se mesmo algumas embarcações já de volta.

Enfim, lusco-fusco e eu afilto com o atraso. Mais um pouco e a noite cerra-se. Ao longe, no negrume do cerco de S. Miguel tremelicavam as luzinhas do cais de Olhão.

De olhos metidos no escuro, intriguíssimo com a demora, surgen-me uma vela a definir-se aos poucos.

— Saveiro que vai para a pesca e faz aqui um bordo — admiti.

O aparecimento de tal barquinho não surpreendeu os meus companheiros, pois até acorreram para auxiliar o desembarque da inesperada tripulação. Do escuro, porque estava a pequena distância, vejo saltarem homens com cestos e bolsas e a seguir mulheres com miúdos ao colo.

O rasto de alegria que a tarde deixara na ilha apagava-se, surgindo agora uma fita misteriosa a enlevar-se aos meus olhos.

Toda aquela família se movimentava no escuro como silhuetas dum quadro fantasmagórico sobre a branca parede da velha casa.

Nascia a lua, uma lua de Agosto que espraia luz pela areia já fria deixando que os olhos agora distinguem rostos.

Fiquei espantado quando ouvi falar em jantar.

Uma mulher desdobrou uma grande toalha branca e cuidadosamente assentou-a na areia. Abriam-se cestos, desfizeram-se embrulhos e daí vieram alumínio e talheres. A mesa estava posta para excêntrico jantar.

E assim foi; à volta, as crianças aconchegaram-se às mães. Com uns de pernas estendidas, outros de joelhos empinados, olhos jogados aos pratos de peixe frito cercados de fatias de pão, três garrafas de vinho, principiou a singular refeição.

Mastigava-se em silêncio ainda que uma ou outra pergunta, talvez desnecessária, pretendesse sacudir esse sossego que punha nervos:

— Trouxeste a camisola de lá?

— Não te esqueceste das meias?

Lembro-me que o jantar terminou com melância. Friamente, pensadamente, foram cortadas talhada a este talhada àquele. Enquanto na tarde as sobremesas com essa fruta deram a nota mais viva, mais alegre, das merendas, na noite, aquela mesma sobremesa intensificava a monotonia do jantar. A não ser as crianças ninguém chupou e ninguém cuspiu pevides.

Os olhares estavam parados. A tensão dos meus nervos aumentava de minuto a minuto. Precisava de me dominar. Então, desviei-me para a beira de água onde o mar que junto de mim se desenrolava em franjas de espuma branca bordando a areia molhada, emudecia, para lá, em prata martelada e cintilante.

Entre a esquecer-me de mim perante a magestade muda da noite: o céu cheio de estrelas, a lua a desfazer-se em luz branca, um suave marulhar vindo desse plano prateado onde se reflectia aquele manto azul-escuríssimo, estrelado, enfim, a natureza infinita acabou por me impor meditações a que eu ia cedendo como um místico.

Neste estado, nem dei pelo levantar da mesa.

Um grito brusco, acutilante, estremece-me em violento arrepio. Volto-me e depara-se-me um quadro de sombras. Aos grupos umas enleiam-se nas outras. Oiço beijos.

Uma voz dramática suplica:

— Que Deus os acompanhe!

Não compreendo, não sei, estou parvo.

Os miúdos choram amedrontados; algumas mulheres apertam os filhos ao peito; outras abandonam o corpo e caem de joelhos lançando os braços para o ar ou crispando as mãos nos cabelos. Um homem chora alto com a mulher desmaiada nos braços.

Nisto, o Valida grita:

Mano Chico, então que é isso? Não desanime, homem! Olhem que carga de trabalhos estes!

Em voz aguda, patética, uma mulher diz que não vê mais o seu João e põe as mãos para o céu na ansia de achar em cada estrela um Deus protector.

As fisionomias contraídas em formas dramáticas, de olhos aterrificados, foram-me apertando o nó que me estrangulava a garganta até

ÓCIOS DE UM ESPÍRITO SONOLENTO

A POLÍTICA é como o veneno da cobra, mas, enquanto o desta extingue logo, o daquela insufla à sua vítima nova vida, para a matar depois.

EM amor, as nossas primeiras impressões quem as acolhe e transmite são os olhos. As palavras vêm depois.

A MULHER, como a desejaria-mos, está, ainda, por nascer. Seria preciso formá-la com as qualidades de todas as outras, abstraindo-lhe os defeitos. E mesmo assim, não se eternizaria o seu reinado. O homem — sempre incontentável — acabaria por sentir a falta dos seus defeitos.

AS infidelidades conjugais podem contar-se pelos juramentos que entre si fazem os casados. Aqueles que se amam lealmente não precisam jurar que serão fiéis um ao outro.

O AMOR tem asas poderosas que nos elevam e impulsos desvairados que nos despenham.

A FELICIDADE não se improvisa: cria-se.

HÁ voses que vêm da cabeça e outras do coração. Aquelas pertencem ao homem e estas à mulher.

ASSIM como a flor pura nasce no lodo, e a podridão nutre o vegetal, não sobreexcede o limite das coisas humanas que no terreno vulnerável da idade madura, esgotado pelos anos, brote e viceje o amor.

As árvores desprovidas de folhas e os jardins de flores não se engalanam de novos rebentos, quando os banha o sol da Primavera? Por que então a Natureza interdirá a velhice que ame e seja amada, ao calor de uns olhos que a iluminam e de um sorriso que a festeja? Não é o amor também uma Primavera?

AS feridas mais dolorosas que podemos causar à mulher são aquelas que lhe afectam a vaidade.

O LAR que se constitui tendo por base a precipitação ou a paixão violenta, leva nos alicerces o germe da própria ruína.

ANDAM em luta permanente a verdade e a mentira. As vezes, cabe a vitória àquele e outras vezes quem vence é a sua eterna rival.

DUAS coisas seguem o homem no curso da vida: a sombra do seu corpo, que caminha à sua frente, e a mulher que o tem de perder ou salvar. Esta, muitas vezes, o abandona a meio da jornada. A sombra fica.

AS pequenas vaidades são a sombra da mulher por toda a vida.

REFLEXÃO de um celibatário, vendo passar um casalzinho ainda de olhares ternos e mãos enlaçadas:

— Tanto trabalho e tanta ansiedade por uma coisa de nada, que num minuto desaparece!...

O BEIJO criador, que pode ser o mais frio e o mais demoroso dos beijos, aprofunda as suas raízes até dar frutos.

O CASAMENTO, depois de algum tempo, aseda como o vinho da garrafa que se destapa e se deixa aberta.

J. Alvarez Sénior

que rompi num choro irmão do das crianças.

E foi chorando, chorando no meio dos gritos de coragem pedida pelos homens que os nervos aos poucos se descarregaram. A resignação do inevitável foi vencendo o patético à medida que as lágrimas escapadas iam deixando no seu lugar, lentamente, a serenidade.

Agora já eu compreendia tudo. Os corpos acabaram por se ir desenlaçando. Era a fé, essa convicção de que o todo poderoso estaria com eles, levá-los-ia em bem. Todo esse sentir ia nas exclamações:

— Deus vos guie!

— Seja bendito o Nosso Senhor Jesus dos Afritos!

— Ó Senhora do Rosário, vai com eles!

Era já a força adquirida, positiva, capaz de resistir ao apartamento daquelas almas queridas.

O Valida veio dar-me um abraço e disse-me:

— Descupe de o fazer esperar tanto. Vossemecê vai agora no saveiro para Olhão, com as mulheres. A maré está cheia e vão pelos areais. O rapazote que os leva é bom.

— Até um dia que a gente se veja.

O último a embarcar acabara, num só abraço, de beijar as bocas da mulher e do filho.

A lancha desapareceu depois no escuro, rumo a Marrocos. Soube mais tarde que chegaram em bem, mas nunca mais vi o Valida, o jovem arrais desse minúsculo barco de sete metros.

Óculos CASA SERRA
A CASA QUE COM 40 ANOS DE EXISTÊNCIA, É SOBEJA GARANTIA DE BEM SERVIR!
QUER OUVIR MELHOR?
A CASA SERRA é a única representante no Algarve dos afamados aparelhos auditivos Micro-Som. Assistência garantida.
Comprando na Casa Serra, óculos, relógios e aparelhos para ouvir, compra melhor e mais barato.
Rua Ivens, 24-26 — Telefone 680 — FARO

UM LADRÃO...
Os RATOS, um flagelo que ameaça a vida e a economia dos povos pelas doenças que propagam e os haveres que destroem.
FACILMENTE destruímos a guerra por intermédio dos MATÁ RATOS ZAZ. Pacote, 5\$00.
INSECTICIDA ZAZ «Z» — À base de DDT e LINDANO COMPOSTO, de excelentes resultados comprovados o ano passado na destruição do ESCARAVELHO da BATAFEIRA, em todas as suas fases, (Adulto e Larvas), para pulverizações. É excelente para a destruição de outros insectos. Pacotes de 25, 100 e 200 gramas.
ZAZ FORMIGA — Excelente composto em pó, para a destruição de toda a espécie de formigas. Não é venenoso para as pessoas. Caixas de 20, 50 e 100 gramas. A venda nas casas da especialidade.
Fábrica dos Produtos ZAZ
QUINTA DE SANTO ANTÓNIO COVILHÃ
Não encontrando, dirijam-se ao fabricante

Tintas EXCELSIOR
Agente em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Manuel da Silva Domingues

F A R O
Anúncios para o Jornal do Algarve recebem-se na Tabacaria Farracha, Rua de Santo António, 14.

SR. AUTOMOBILISTA
Confie no êxito da reparação do seu carro, montando no motor os segmentos de lâmina e mola da já consagrada marca DEVES
Repres.: F. PEREIRA HERDEIROS, LDA.
R. da Conceição da Glória, 22-24 - Telef. 29763 - LISBOA
AGENTE NO ALGARVE E. V. A. - FARO

Curso de Sanidade Vegetal para actualização e aperfeiçoamento de conhecimentos de engenheiros-agrónomos

COM frequência de 30 engenheiros-agrónomos funcionou em Tavira, numa sala da Escola de Pesca — por não se encontrar ainda concluído o novo edifício do Posto Agrário — um curso de Sanidade Vegetal para actualização e aperfeiçoamento de conhecimentos, integrado no Plano de Trabalhos da Secretaria de Estado da Agricultura. Foram instrutores, além do prof. Branquinho de Oliveira, outros investigadores da Estação Agronómica Nacional, Estação de Melhoria de Plantas e Repartição de Serviços Fitopatológicos.

Entre outros problemas foram objecto de especial atenção os que respeitam às enfermidades dos cereais, que tão elevados prejuízos têm ocasionado nestes últimos anos no Alentejo e no Algarve, às virozes da batateira, aos nemátodos do solo, à acção tóxica de alguns produtos utilizados nos tratamentos contra pragas e doenças, ao combate à mosca da azeitona, etc.

Merece lembrança mais expressiva a memória do dr. Estêvão Afonso

EMOS com a maior simpatia o artigo, que aplaudimos, sobre o dr. Estêvão Afonso, publicado no n.º 175 deste jornal e imediatamente sentimos ser nosso dever associar-nos à ideia que certamente o determinou.

A memória do dr. Estêvão Afonso inspira-nos a maior admiração, pelas raras virtudes que ele reunia e que o distinguiam já na sua época e mais o distanciam do homem comum de agora, quando essas virtudes mais rareiam. Filho do alferes Estêvão Afonso, quis seguir a carreira do pai e fez-se militar também. Esta carreira porém não o seduziu, apesar de promissora, e decerto preferiu lutar contra a doença, inimigo fidalgo de sempre, a lutar contra o seu semelhante, inimigo provável de ocasião. Filho único de pais abastados, poderia ter levado a vida fácil e fútil que os haveres proporcionam. O seu temperamento contudo, lança-o na vida activa. E assim, depois de brilhante futuro

por MANUEL DOMINGOS TERRAMOTO

que os seus méritos pessoais no exército lhe auguravam, e que lhe valeram público reconhecimento, optou aos 28 anos pelo curso de medicina, concluído de forma fulgurante, para valer aos doentes da sua terra.

Aos 20 anos exercia funções públicas como administrador de concelho. Também já presidia a assembleias eleitorais no Compromisso Marítimo, onde mais tarde havia de exercer as funções de médico durante mais de 30 anos, até à sua morte. Presidiu ainda aos destinos do seu Município.

Aureolado dum prestígio que o seu carácter conquistou, tornou-se o consultor, o medianeiro, o síndico, enfim, o influente a quem se recorre para contemporizar ou aconselhar.

Escasseavam na região os médicos no século passado, e isso obrigava-o a deslocar-se às vizinhas aldeias de Moncarapacho e Fuseta, numa época em que igualmente escasseavam os meios de transporte, mesmo morosos. Era vulgar encontrá-lo montando o seu cavalo acastanhado, pelos mais escusos caminhos, na sua humanitária missão de visitar os seus enfermos. Apresentava-se com invariável distinção, de sobrecasaca e chapéu alto, o que lhe não tirava a maior simplicidade no trato.

Em ocasiões em que a fome assolava a classe mais vulnerável à crise na terra, a sua cozinha preparava refeições que distribuía aos que delas precisavam, na traseira de sua casa, na Travessa dos Testos.

Da sua filantropia fala-nos ainda o grande número de amigos que contava e que lhe levantaram um monumento no cemitério da vila, único ali existente, erguido junto da sua jazida subterrânea, onde repousam também os seus familiares.

Os seus contemporâneos lembraram-no na terra dos mortos, mas as gerações sucedem-se e os vindouros esquecem-no na terra dos vivos. É verdade que boa dezena de anos após o seu passamento, a edilidade levou o seu nome à Rua da Cerca de Ferro, em chapa que ainda ostenta «Rua Dr. Estêvão». Este topónimo assim simples, como simples era a vida do seu patrono, diria mais ao coração de quem o conheceu, que todos os nomes que a chapa pudesse conter.

No entanto, parece-nos que passados 72 anos, aquela chapa deveria ceder o lugar ao mármore, onde se gravasse o nome completo desse ilustre olhanense, acrescido dos adjectivos elucidativos das suas altas qualidades. Apesar de secundária a rua que aquele nome honra, é natural que alguma afinidade tenha com a sua vida na vila, pois seria de desejar ver esse nome em rua mais destacada. A sua presença nos azulejos do Jardim Público, prova-nos não ter sido totalmente esquecida a sua memória, merecendo o mais justo louvor quem tal iniciativa tomou.

Estamos certos que mereceria unânime aprovação da população da nossa terra, a colocação dum busto de bronze daquele filantropo cidadão no lugar mais concorrido de Olhão. Se tal não for possível, sugere-se um medalhão de bronze na casa onde nasceu e viveu.

Que nos perdoem o alvitre feito, talvez demasiado dispndioso para os parcos recursos locais, mas ele filia-se no reconhecimento de méritos invulgares que não alcançaram a devida consagração.

Por questão de efeméride, conviria comprovar-se as datas do nascimento e falecimento do ilustre médico, visto notar-se divergências entre as datas indicadas e as que constam no monumento fúnebre.

Ao autor do artigo «Post Mortem», os nossos parabéns pela boa semente lançada que desejamos proliferar, a bem da gratidão póstuma.

Combata as dores reumáticas com o **REUMASTIMOL L. O.**

Laboratório da Farmácia Simões Pires
Rua da Prata, 115 — LISBOA

A venda na:
FARMÁCIA SILVA
Rua Miguel Bombarda, 25
Vila Real de Santo António

CALHAU

Areia doce e barro, vende-se qualquer quantidade na propriedade da Azeda, a seis quilómetros de Vila Real de Santo António e a três de Monte Gordo. Trata: António da Costa Esteves — Castro Marim.

AINDA O CASO DA EXTRAÇÃO DE UM DENTE

A CERCA da carta do sr. Custódio Gonçalves Cevadinha sobre a extração de um dente, recebemos da União dos Sindicatos dos Ferroviários a seguinte carta:

No número desse prestimoso jornal de 11 de Junho findo, foi inserta uma local subordinada ao título «Uma carta sobre a extração de um dente» cujo conteúdo — dada a forma intencional como o assunto foi posto —, pode ter induzido em erro de apreciação os leitores estranhos ao meio em que o facto ocorreu (Serviços Assistenciais da União dos Sindicatos dos Ferroviários).

É pois em obediência ao desejo de esclarecer o assunto e, assim, os possíveis leitores interessados, que a v. comunicamos:

Não houve por parte do médico alvejado — sr. dr. Cardoso de Oliveira — menos atenção ou cuidado para com o consultante.

O que na realidade existiu — e era este facto que devia ter sido posto em evidência na carta referida —, foi uma má interpretação, por parte do beneficiário, dos termos em que o citado médico o instruiu sobre o procedimento a adoptar, quando se verificou que em presença da inflamação existente e, conseqüentemente, da não actuação imediata do produto anestésico, a extração se não podia fazer após o período normal de espera.

Foi esta, que não a inicialmente apontada, a origem do acontecimento. De resto, difícil seria conceber e aceitar-se que os factos se tivessem desenrolado como narrados foram, tão inverosímil se revelava a versão apresentada.

Diremos por último — e para o facto nos permitimos chamar a atenção de v. —, que o beneficiário sr. Custódio Gonçalves Cevadinha assegurou, no decurso das averiguações feitas sobre o assunto de que nos ocupamos, que não dirigiu, não autorizou que em seu nome fosse dirigida, a esse jornal, qualquer carta neste sentido.

Apresentamos a v. os nossos cumprimentos.

A bem da Nação
O Presidente

(a) J. Lourenço de Moura

Quanto à parte final da carta, sempre nos informar que foi o próprio sr. Custódio Gonçalves Cevadinha quem mandou entregar por pessoa idónea ao nosso prezado camarada João Leal a carta que publicamos a seu pedido e de cujo conteúdo, conforme nova carta que temos em nosso poder, assume inteira responsabilidade.

Funcionalismo público

Foi nomeado proposto do tesoureiro da Fazenda Pública, de 2.ª classe, sr. José Gomes Gonçalves Carlota, no concelho de Olhão, o sr. João Chagas das Neves.

Casino de Quarteira

Vende-se o antigo casino de Quarteira.

Tratar com o seu proprietário, Manuel Guerreiro Lima — Quarteira.

TRESPASSA-SE

Casa em Olhão, situada na melhor artéria comercial, bem afreguesada, óptimas instalações, grande variedade de artigos, boa clientela de lotarias, etc., ou admite-se sócio com algum capital, pois o seu proprietário não pode continuar à frente dos negócios. Dirigir-se ao BAZAR VITÓRIA — OLHÃO — telefone 257.

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Mal de amor, raro se perde, é como a nódoa da amora: só com outra amora verde a nódoa se vai embora!

FREDERICO BRITO

Gambém na cozinha se

pode ser artista

Sanduíches de tomate — Escolhem-se tomates grandes, vermelhos e ainda duros, os quais se cortam em rodela grossas, temperando com sal, pimenta e sumo de limão, deixando em repouso. Entretanto prepara-se um creme espesso a que se pode misturar peixe ou carne cozinhada passada pela máquina.

Estando pronto, deita-se sobre uma rodela de tomate uma colher do creme feito que se espalha por toda a superfície e cobre-se com outra rodela.

Podem servir-se assim, colocando (se o creme for feito com água de cozer camarões) um pequeno camarão espetado no centro.

Se se preferir, passam-se as rodela por farinha e em seguida por ovo batido e fritam-se.

Servem-se sobre folhas de alface bem branquinha, colocando um camarão ou um raminho de couve-flor curtida em vinagre, sobre cada sanduíche, conforme ela seja de camarão ou outro qualquer recheio. É um prato bonito e gostoso.

Um pouco de filosofia

O mais discreto de todos os confidentes é o filósofo, porque esse não guardará sistematicamente, daquilo que lhe contamos, — o que é de ordem humana — e portanto geral. — José Bacelar.

Para sermos verdadeiros, não devemos de amar na verdade um puro prazer espiritual, mas, sobretudo, um estímulo de perfeição, na luta contra os erros iníquos. — Joaquim Manso.

O doce nunca amargou

Doce delicioso — Este bolo poderá fazer-se com fatias de pão de ló ou com bolachas (neste último caso, as bolachas molham-se previamente em café forte, açucarado). São ainda precisos: 250 gramas de manteiga, 200 gramas de açúcar, duas gemas de ovos, uma colher, das de sopa, de essência de café e duas colheres, das de sopa, de miolo de amêndoa torrada.

Bate-se a manteiga, com uma colher de pau; vai-se-lhe juntando o açúcar, as gemas e a essência de café. Bate-se a sem descanso até formar uma pasta fluida. No prato em que se desejar servir este doce, vão-se dispoendo fatias, barradas com uma ligeira camada de creme acima indicado. Um tanto de açúcar, creme e de novo fatias. A última camada será de creme.

O miolo da amêndoa, depois de esmagado num almofariz, envolve-se em açúcar. Com este «pó» polvilha-se o «doce delicioso», que é realmente uma delícia de doce...

O que eles pensavam

A educação é um seguro para a vida e um passaporte para a eternidade. — A. J. Guiparro.

A educação que melhor convém é a da família; a sua melhor escola é a casa materna. — Carnot.

A confidência é a respiração das almas. — Camilo Castelo Branco.

É agora não ria!

O sr. Machado está crivado de dívidas, e bate à porta do quarto um credor, que não deixa de espreitar.

— Sai! — grita da cama o sr. Machado.

— Como? Como é que você saiu?! Então eu não estou a ver os seus sapatos ao pé da porta?...

Então o sr. Machado diz com o acento da mais pura sinceridade: — Sai em chinelos...

"O RETRATO ESBOÇADO"

INTEGRADO nas tendências do neo-realismo, Manuel de Seabra escreveu «O retrato esboçado». É, por assim dizer, um desbobinar de conjecturas, de solilóquios e recordações da personagem central — Gonçalo — as quais se vão projectando em forma de novela amarga, mas que não chega a ser uma novela, no bom sentido do género. A falha está na estrutura. O conflito ou o motivo não têm a consistência precisa para manter as personagens em acção.

No entanto, achamos que Manuel de Seabra é um escritor desempoeirado; e, a propósito, lembramos este conselho de uma das suas personagens: «Não caias na asneira de dar opiniões sinceras. Nesta terra todos os artistas são génios, percebe-se?». De facto, é mais cómodo assim. Porém, há comodidades que não nos seduzem...

«O retrato esboçado» faz-nos lembrar, apenas pela maneira de conduzir o herói, «A fome» de Knut Hamsan, com a diferença de que esse herói sabe o que quer. Seus pés estão fincados na terra, enquanto que o de «O retrato esboçado» anda à deriva. Ele próprio (Gonçalo é pintor) quer pintar todas as angústias, todos os desesperos do homem de hoje em busca de uma coisa que não sabe ainda o que é, e, ao que parece, ele também não sabe que coisa é essa. Só fala de angústias.

Gonçalo parece irmão gémeo daquele alferes de «Terra de ninguém», romance do mesmo autor, a que já fizemos referência nestas colunas: um ser sem vontade própria ou de vontade quebrada, sem esperança, incapaz de ver para além de si; e, no entanto, um ser que sabe observar e sentir. A sua angústia assenta mais no próprio egoísmo, que na base falsa da vida. É o vencido que se venceu a si mesmo.

Figura certa, é verdade, absolutamente certa, Gonçalo simboliza os inadaptados deste mundo. Conhece-mo-los. Mas esses inadaptados não passam de doentes mentais: vítimas de taras congénitas ou

por Manuel de Seabra

adquiridas em meios propícios, ou ainda derivadas de enfraquecimentos físicos provenientes de certos vícios ou da subalimentação. No âmbito dos artistas incompreendidos encontramos-os em quantidade. Morrem de sede, sem tentarem descobrir uma fonte. Para eles, no seu doentio fatalismo, a fonte devia estar ali. E, como não está, eis toda a sua amargura de incompreendidos.

Claro que não dizemos que a fonte não devesse estar ali, até porque não somos apologistas do conformismo. Pelo contrário. Não dizemos também que eles não tenham o direito a que a fonte ali estivesse... Não. O que lhes compete antes do mais, seria interrogarem-se: «Por que razão a fonte não está aqui? Ou que fizemos nós para que a fonte estivesse aqui? É lamentando o facto que a trazemos até nós? Ou acaso matamos a nossa sede, não acreditando na fonte?».

Derrotista de si próprio, cremos que esse Gonçalo não pode ser a expressão filosófica do pensamento do seu autor. Manuel de Seabra, que tão bem se firma como escritor moderno, dar-nos-á um dia um Gonçalo que sabe onde está a fonte e conhece o caminho para lá...

João França

Ensino no Algarve

Postos escolares

Pode ser requerido o provimento dos lugares de regentes dos postos feminino e misto de Arroio (Monchique) e Arão (Portimão).

VENDE-SE

Duas moradas de casas no sítio das Hortas, próximo de Vila Real de Santo António. Informa-se na Redacção deste jornal.

TINTAS EXCELSIOR



NA CONSTRUÇÃO NAVAL PORTUGUESA

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

CAI-LHE O CABELO?...
TEM CASPA?...
É CALVO?...

VITABOLBO

E TODOS ESSES MALES DESAPARECEM

CADA EMBALAGEM 100\$00

(RESTITUI-SE A IMPORTANCIA NO CASO DE NÃO SE VERIFICAREM RESULTADOS FAVORÁVEIS)

Rep. Excl.: **Produções Sande Freire**
Av. Alm. Reis, 94, 4.º-Esq. — Telef. 734208 — LISBOA

Dist. Geral: **Farmácia Lobel**
Rua Infantina 16, 99-B — Telef. 688907 — LISBOA

Depositarário e Distribuidor no Porto:
Depósito Farmacêutico
Rua da Ponte Nova, 54, 1.º — Telef. 24471 — PORTO

PASSE A USAR **VITABOLBO** E DEIXARÁ DE SER CALVO, O CABELO NÃO LHE CAIRÁ E FICARÁ SEM CASPA

ÊXITO ABSOLUTO NO CONTINENTE, ULTRAMAR E ESTRANGEIRO